



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA ACADÊMICA

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

O AMOR E A DOR NA PSICOSE:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO

ÉDER GALIZA CIRILO

RECIFE

2020

ÉDER GALIZA CIRILO

**O AMOR E A DOR NA PSICOSE:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Paula Barros

RECIFE

2020

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

ÉDER GALIZA CIRILO

**O AMOR E A DOR NA PSICOSE:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. IVO DE ANDRADE LIMA FILHO - Examinador Externo

Profa. Dra. EDILENE FREIRE DE QUEIROZ - Examinadora Interna

Profa. Dra. PAULA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS - Orientadora

RECIFE

2020

Agradecimentos

Em uma jornada, é comum se dar prioridade à distância que separa o início do fim, sempre procurando encurtar esse intervalo. Na minha caminhada do mestrado, o mais importante esteve justamente no “durante”, no espaço que separava os dois pontos dessa travessia. Fui capaz de localizar, através de cada passo dado, os possíveis catalizadores que existiram, por trás da força, que me impeliu ao ponto de chegada, concretizada em uma produção escrita. Pude sentir o estímulo e o suporte necessários para produzir esta dissertação. Meus agradecimentos, então, a Deus, à minha família, aos amigos de estudo e trabalho, à minha analista, aos professores, à orientadora, à banca examinadora, a EBP - Seção Pernambuco - e à UNICAP.

Num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar.

–Freud, Sobre o Narcisismo: Uma Introdução

Resumo

Na psicanálise, o amor e a dor são afetos importantes para a constituição do sujeito, de modo que a forma singular com que ocorrem terá repercussões na estruturação psíquica. O amor foi definido por Freud como um investimento de libido, enquanto que a dor foi designada como uma sobrecarga de excitação interna que pode ter sido ocasionada devido ao corte de uma ligação libidinal. A constituição psíquica é marcada por cortes na ligação libidinal com um objeto de amor, tendo como reação a dor, a qual precisa ser assimilada e integrada para que ocorra amadurecimento do psiquismo. Quando a reação à dor chega a um nível muito elevado de sobrecarga libidinal interna, o sujeito poderá recorrer a mecanismos de defesa característicos da psicose, como a forclusão. Partindo-se do princípio de que a dor precisa ser elaborada para que o amadurecimento psíquico ocorra, e, tomando por base a proposição de Juan-David Nasio, segundo a qual a dor consiste no último afeto antes que sobrevenha a psicose, indagou-se se a psicose seria decorrente de uma não tolerância à dor, ligada ao desprazer, devido ao excesso de amor voltado para o interior do psiquismo. Nesses termos, sustentamos a proposição de que a psicose é decorrente de uma falha do psiquismo em elaborar grandes excitações libidinais investidas em representações internas. Baseamo-nos na proposição de Jacques Lacan sobre a noção de estrutura clínica, de acordo com a qual a psicose decorre de uma falha na *lei do pai*, um conceito que faz referência a um corte que interdita o vínculo com o objeto de amor, o que nos permitiu entrever uma articulação possível entre a intervenção da lei do pai e a dor. O objetivo do presente estudo foi analisar o lugar do amor e da dor na constituição da psicose. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica em psicanálise referente ao tema do amor, da dor e da psicose nas obras psicológicas de Sigmund Freud e em alguns dos seminários de Jacques Lacan, isso em diálogo com autores contemporâneos, visando no primeiro circunscrever os conceitos de amor, dor e psicose, e no último entender como se dá a constituição do sujeito, mais

especificamente a estruturação da psicose. Ao final deste estudo, apontamos o amor na psicose com uma predominância de *amor passivo*. Este é uma reação de intolerância à dor ligada ao desprazer que surge do corte operado pela castração, momento da organização psíquica que possibilita a estruturação do sujeito a partir da mudança na predominância da posição de ser amado para a de amar. O amor na psicose busca se fixar em uma posição passiva de ser amado, abdicando da possibilidade de vir a ser um sujeito de desejo em prol de ser objeto da satisfação do Outro. Nessa posição, sublinhamos também que a dor na psicose é diferente da dor que ocorre na neurose. A dor na psicose está além do limite de um desprazer interno, ocorrendo no campo que é próprio ao gozo. Os resultados deste estudo trouxeram contribuições metapsicológicas à clínica das psicoses, ampliando o olhar clínico ao se dar realce às sutilezas do amor e da dor na constituição da psicose.

Palavras-chave: amor; dor; estrutura psíquica; psicose; psicanálise

Abstract

In psychoanalysis, love and pain are important affects for the formation of a subject, so that the singular manner they happen will reverberate in the psychic structuring. Love was defined by Freud as a libido investment, while pain was designated as an overload of inner excitement that could have been originated due to the cut of a libidinal bond. The psychic formation is branded by cuts of the libidinal bond to an object of love, having pain as the reaction, that thus must be assimilated and integrated so that the psyche maturation may occur. When the reaction to the pain turns to a very high level of inner libido overload, the subject may resort to a defense mechanism typical of psychosis, like the foreclosure. Starting from the principle that the pain must be worked so that the psyche maturation can occur, and taking as foundation Juan-David Nasio's proposition that the pain consists in the last affect before psychoses befalls, this work questions if psychosis would derive from a state of non-tolerance to pain, connected to displeasure, due to excessive love directed to the inside of psyche. On these terms, we sustain the proposition that psychosis derives from a failure of the psyche in working big libidinal excitements invested in inner representations. We take for basis Jacques Lacan's proposition about the notion of clinical structure, in which psychosis derives from a failure in the *Law of the Father*, a concept referring to a cut that interrupts the bond with the object of love, what allowed us to catch a glimpse of a possible link between the intervention of the Law of the Father and the pain. The goal of this study was to analyze the place of love and pain in the formation of psychosis. For this reason, we have made an bibliographical research in psychoanalysis referring to the topic of love, pain and psychosis in Freud's psychological works and in some of the seminars of Jacques Lacan, and all that in dialogue with contemporary authors, aiming to enclose in the first one the concepts of love, pain and psychosis and, in the latter, to understand how the formation of an subject happens, and specially the formation of psychosis.

At the end of this study, we point out the love in psychosis as a predominance of *passive love*. This one is a pain intolerance reaction connected to the displeasure that appears from the cut made by castration, time of psychic organization that allows the formation of the subject starting from the change in the predominance from the place of being loved to the place of loving. Love, in psychosis, seeks to fasten itself to a passive place, renouncing the possibility of becoming a subject of desire in order to become the object of the Other's satisfaction. About that place, we also highlight that pain in psychosis is different from the pain that occurs in neurosis. Pain in psychosis is beyond the limit of an inner displeasure, occurring in a field which is enjoyment itself. The results of this study have brought metapsychological inputs to the clinics of psychosis, amplifying the clinical view by emphasizing the subtleties of love and pain in the formation of psychosis.

Keywords: love; pain; psyche structure; psychosis; psychoanalysis

Sumário

Introdução	11
O Amor e a Dor na Constituição Psíquica: Sobre os Excessos e Destinos da Libido	17
O Amor no Pré-Édipo	18
<i>A Concepção de Amor para Freud</i>	21
<i>A Concepção de Amor para Lacan</i>	23
A Dor na Teoria da Psicanálise	28
<i>A Dor, o Desprazer e a Angústia</i>	34
<i>Satisfações Pulsionais, Defesas e a Tentativa de Elaboração Psíquica</i>	37
A Elaboração Psíquica	40
A Psicose no Complexo de Édipo: Uma Ausência da Metáfora Paterna	45
A Metáfora Paterna e Suas Implicações no Complexo de Édipo	46
A Psicose e Suas Peculiaridades Constitutivas	55
O Amor e a Dor na Psicose	67
O Destino da Libido na Psicose: Uma Posição Passiva do Amor?	67
<i>A Teoria de Freud Sobre a Libido na Psicose</i>	68
<i>A Concepção de Lacan Sobre o Amor na Psicose</i>	71
A Dor na Psicose	75
Considerações Finais	83
Referências	87

Introdução

O tema da psicose já me inquietava desde a infância, momento em que vivi a perda de alguém próximo que cometeu suicídio, e o que soube posteriormente, foi que: o desencadeamento psicótico dele se revelou após o rompimento de um laço de amor, passando a escutar, por alucinações verbais, o próprio objeto de amor chamando-o para a morte. Na leitura que me é possível *no a posteriori*, parece que, para ele, o ato de cometer suicídio, ao escutar o objeto de amor incitando-o a se matar, foi uma manifestação de um não suportar a dor da separação ligada ao desprazer, e assim expressar, por esse ato destrutivo, uma outra forma de dor.

Esse acontecimento ficou em mim como algo não elaborado. Ficou como um vestígio de algo sem sentido, devido a não compreensão que eu tinha, na época, de entender como alguém desencadeia uma psicose pela perda de um objeto de amor. Só agora, com o presente trabalho, veio a possibilidade de uma concretização escrita que bordeja uma significação.

Todo pesquisador advém de movimentos transferenciais inconscientes, e nele estão subjacentes lembranças não elaboradas de sua infância. Foi apenas ao fim desse trabalho que tive a clareza de que ele foi a realização de um desejo inconsciente: o de compreender uma história que vivi e ficou sem sentido. Ou seja, houve uma questão em mim manifesta e consciente, que através da influência desse meu desejo inconsciente, gerou todo o movimento para iniciar esta pesquisa.

A psicose sempre atraiu meu interesse sem que me desse conta de um motivo consciente, antes mesmo de conhecer a psicanálise. Ao entrar em contato com a obra de Sigmund Freud, lendo suas explicações psicológicas sobre o que, frequentemente, era marcado pelo mundo no campo do “sem sentido”, é que desejei estudá-lo. Foi assim que acabei cursando a graduação em psicologia clínica e automaticamente conheci a existência da

obra de Jacques Lacan, alguém que marcou profundamente o estudo da psicose na psicanálise.

Soube que a psicose é uma estrutura psíquica que trouxe muitos questionamentos para várias áreas de pesquisa, inclusive para a clínica psicanalítica, despertando sempre o interesse para novos estudos. Foi a partir do ensino de J-D. Nasio, que ressalta uma articulação entre a forclusão – enquanto mecanismo de defesa da psicose – e uma reação exagerada à dor, devido ao corte de um investimento de amor, que surgiu o interesse de indagar se essa relação consistiria num dos aspectos determinantes da estrutura psicótica.

Para dar consistência a essa questão, foi preciso partir das definições psicanalíticas do que seriam o amor e a dor. Isso me levou ao conhecimento de que tais afetos são inerentes à constituição do sujeito, de modo que a forma singular com que ocorrem tem repercussões na estruturação psíquica. Esse tornou-se então um dado que apontava para o que estava nascendo como um possível projeto de pesquisa.

No que se refere ao amor, encontrei o próprio Freud (1909/1977) admitindo sua enorme influência na formação das patologias das neuroses e psicoses, porém acentuando que conhecia pouco a natureza do amor para ser capaz de chegar a conclusões definitivas. Deste modo, fui percebendo nas entrelinhas da teoria freudiana o quanto era importante investigar o amor para se ter uma melhor compreensão de como um sujeito se organizava psiquicamente, em especial, na psicose.

A partir de uma questão preliminar e no passo de transformá-la em uma pesquisa propriamente dita, soube em Nasio (2007a) que para que ocorra um amadurecimento psíquico do sujeito é fundamental a travessia da dor, essa sendo definida, por ele, como uma reação a um superinvestimento interno de excitação, devido a cortes na ligação libidinal com um objeto de amor. Ainda foi visto nesse autor que o fenômeno de dor é o último afeto antes que

sobrevenha a psicose, e disto, notou-se que seria também relevante aprofundar um estudo sobre esse tema. Freud (1925-1926/1976) já havia do mesmo modo dado abertura para um estudo como esse, ao dizer de forma bem objetiva: “sabemos também muito pouco sobre a dor” (p. 196).

No que se refere à dor, foi interessante ver que Nasio (2007a) chamou a atenção para o fato de que, mesmo consistindo num fenômeno fundamental na constituição do sujeito, não há uma teoria explícita sobre a dor nos textos de autores psicanalistas a exemplo de Freud, Lacan, Klein e Dolto. Ele ainda enfatizou que chega a ser interessante como Jacques Lacan, em trinta anos de seminários, praticamente não falou nada sobre a dor. Diante dessa lacuna, o autor dedicou-se ao tema da dor, relacionando-a ao amor e mostrando que há uma aproximação com o mecanismo da forclusão, que se encontra na estrutura da psicose.

Partindo-se do princípio de que a dor precisa ser elaborada para que o amadurecimento psíquico ocorra, e que a dor é o limite antes que emerja a psicose, algumas questões mais foram emergindo: seria a estrutura psicótica decorrente de uma não tolerância à dor devido ao excesso de amor? Nesses termos, a psicose seria estruturada a partir da falha do psiquismo em lidar com grandes excitações libidinais investidas em representações internas?

Ao me propor a estudar a noção da constituição da estrutura psicótica, baseei-me na proposição de Jacques Lacan segundo a qual, de acordo com Mannoni (1983), a psicose decorre de uma falha na *lei do pai*, um conceito que faz justamente referência a um corte que interdita o vínculo com o objeto de amor. Disso, mais indagações foram surgindo, como a de, qual a relação entre a intervenção da lei do pai e a dor? Nessas indagações acabei sendo impelido a concretizar o projeto de pesquisa, deixando-me levar a um dos temas centrais da psicanálise: o Complexo de Édipo. Foi preciso no desenvolvimento da pesquisa, estudar a

cena edipiana, para entender melhor como se organizava uma psicose. Pois é nessa cena de Édipo que se fala de forma direta da castração, um fenômeno imposto pela lei do pai, que consiste num corte da ligação libidinal do sujeito com seu objeto de amor. Nesse corte, o psiquismo reage justamente com dor.

É preciso chamar a atenção para o que Zolty (2001) esclarece que, atualmente, existe uma extrema heterogeneidade das formas clínicas da psicose, não havendo psicose como uma entidade única, de modo que seu estudo fica melhor apresentado pelo termo *as psicoses*. Entretanto, o autor sugere que apesar de toda essa diversidade a psicanálise não deixou de localizar traços comuns nas diferentes afecções psicóticas.

Logo, apesar de se partir aqui do pressuposto de que a psicose não é vista como uma categoria clínica homogênea, mas sim heterogênea, destacamos que, nesse estudo, foram priorizados aspectos comuns à psicose, dentre eles, os já enfatizados aqui como constitutivos do sujeito: o amor e a dor.

O objetivo geral do estudo foi analisar o lugar do amor e da dor na constituição da estrutura psicótica. Como objetivos específicos, destacaram-se: 1) circunscrever, na obra freudiana e parte da lacaniana, o estudo sobre as psicoses, ressaltando, na última, a noção de estrutura psíquica; 2) articular os fenômenos da dor e do amor na constituição psíquica, indagando sobre os excessos e destinos da libido na psicose; 3) discutir a falha da lei do pai e suas consequências na psicose, relacionando-as aos fenômenos do amor e da dor.

Para alcançar tais objetivos, foi realizada uma pesquisa teórica em psicanálise que tomou como principal referencial teórico alguns textos das *Obras Psicológicas* de Sigmund Freud e dos *Seminários* de Jacques Lacan, buscando circunscrever o conceito de psicose na perspectiva dos dois autores, isso em diálogo com autores contemporâneos que também

falam sobre o tema da psicose, a exemplo de Juan-David Nasio, Joel Dor, Antonio Quinet, Charles Melman e Jacques-Alain Miller.

O procedimento de pesquisa utilizado nas *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* foi o de situar na obra as referências que o autor fez à dor, ao amor e à psicose, priorizando uma leitura dos efeitos quantitativos e qualitativos da libido. No que diz respeito ao texto lacaniano, a pesquisa tomou por base, principalmente, as lições dos seguintes textos: *Seminário 3¹ – As Psicoses*, *Seminário 4 – A Relação de Objeto* e o *Seminário 5 – As Formações do Inconsciente*. A escolha por esses textos deu-se em função de suas contribuições, no que tange, respectivamente, à estrutura psicótica, à função do objeto na constituição psíquica, aos três tempos do Édipo. Além desses seminários, foram realizadas visitas a alguns textos que subsidiaram o entendimento teórico desse estudo, a exemplo de: *Seminário 2 - Os Escritos Técnicos de Freud*; *Seminário 6 - O Desejo e Sua Interpretação*; *Seminário 11 - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*; *Seminário 20 - Mais, Ainda* e um dos textos dos *Escritos*. A partir de tais buscas, foi dado realce ao fenômeno da dor e do amor na constituição da estrutura psicótica.

Partindo do estudo realizado, estruturamos este texto da seguinte forma:

No tópico *O Amor e a Dor na Constituição Psíquica: Sobre os Excessos e Destinos da Libido*, discorreremos sobre os conceitos de amor e dor na constituição psíquica, indagando sobre os excessos e destinos da libido. Esse primeiro momento trouxe como eixo central as definições desenvolvidas, tanto pelo inventor da psicanálise Sigmund Freud quanto pelo psicanalista Juan-David Nasio.

¹ Advertimos o leitor de que o estudo de Jacques Lacan sobre a psicose não parou por aí, ele avançou e trouxe mais contribuições em outros seminários. Para fins desse estudo, fizemos o recorte e nos limitamos ao *Seminário 3*.

No segundo tópico, *A Psicose no Complexo De Édipo: Uma Ausência da Metáfora Paterna*, discorreremos acerca da constituição do sujeito psicótico, buscando circunscrever a noção de estrutura psíquica a partir da dor e do amor no período do complexo de Édipo.

No terceiro tópico, *O Amor e a Dor na Psicose*, foi apresentado como ocorre o amor e a dor na estrutura psicótica, isso na perspectiva de Freud e Lacan em diálogo com autores contemporâneos. Há aqui uma reflexão sobre a falha da lei do pai e suas possíveis consequências, salientando sua relação com os afetos de amor e dor.

O Amor e a Dor na Constituição Psíquica: Sobre os Excessos e Destinos da Libido

Sempre foi do interesse humano tentar compreender como um sujeito organiza-se psiquicamente, e a psicose é um dos campos de estudo que provoca diversas pesquisas. Partindo da proposta de J-D. Nasio, de que há uma aproximação entre o mecanismo de defesa da psicose e uma reação exagerada à dor, devido ao corte de um investimento de amor, surgiu o interesse de se debruçar sobre esses possíveis determinantes psíquicos: o amor e a dor.

O amor e a dor são afetos relevantes quando se trata de refletir sobre a constituição psíquica do sujeito. Foi a partir dos indícios deixados nos escritos de Freud, sobre uma necessidade de se pesquisar mais sobre tais afetos, por estes ainda apresentarem-se como algo obscuro, que se percebeu a importância de uma compreensão mais detalhada do assunto. O entendimento de como se dá o amor e a dor, designados aqui como processos qualitativos da libido na formação do sujeito, provoca uma reflexão dos possíveis efeitos da libido tanto do seu estado quantitativo quanto de seu destino. Uma compreensão desse movimento libidinal pode deixar mais clara e ampliar a noção de *organização psíquica* que se estrutura no complexo de Édipo. Este tópico então abordará o lugar do amor e da dor na constituição psíquica, tomando como eixo norteador uma discussão sobre a libido.

Primeiramente, será realizada uma explanação sobre o lugar que o amor tem no pré-Édipo, momento que vai do nascimento até a entrada propriamente dita no complexo de Édipo. A escolha, já de início, de relatar sobre o amor, nesse momento, é devida, tanto à abertura que se cria com isso, quanto a apreender o contexto que contribui para a constituição de uma estrutura psicótica. Sequencialmente, será falado sobre o conceito de dor para a psicanálise, circunscrevendo sua relação com a energia de caráter sexual, chamada de libido. Logo, será possível descrever o lugar que a dor tem no processo de formação do sujeito.

O Amor no Pré-Édipo

No período que precede o nascimento humano, segundo Brabant (1973), o corpo do bebê encontra-se ligado biologicamente ao corpo da mãe, fazendo parte de uma relação na qual as tensões tanto físicas quanto psíquicas se acham reduzidas, tendendo para um estado quase nulo de tensão. As tensões são aqui entendidas por variações sentidas pelo organismo.

Já no início da vida, a criança encontra-se em um estado no qual não consegue descarregar o aumento libidinal interno ocasionado pela separação biológica da mãe. Aqui, pode-se citar o desamparo como esse estado de desconforto em que a criança não consegue uma descarga para o seu estado crescente de tensão. É por estar em um estado menos acabado biologicamente que a criança não consegue descarregar sozinha tais tensões internas, e daí surge a necessidade de ser cuidada por um outro, no sentido de se sentir protegida contra esses excessos de tensão interna (Freud, 1925-1926/1976).

É no momento do nascimento que Otto Rank, citado por Brabant (1973), diz acreditar que ocorre um trauma, apresentando ao meio psicanalítico a proposição do *trauma do nascimento*, por ele definido como uma passagem de um estado onde as tensões eram quase nulas para um meio de tensões elevadas.

Após o nascimento, o ego do bebê justamente passa a perceber uma variação de estímulos internos e externos em si. No texto *As Pulsões² e Suas Vicissitudes*, Freud (1915a/1974) postula a existência dos estímulos pulsionais e de outros tipos de estímulos que afetam o sujeito, admitindo que, os primeiros, surgem no interior do organismo enquanto, os últimos, surgem do exterior. Ele considera que a tarefa do sistema psíquico é dominar os estímulos, e diz: “O sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos

² O termo original e alemão *Trieb*, é comumente traduzido, na versão portuguesa, por “Instinto”. No entanto, considerando que a palavra pulsão é a tradução mais correta para o conceito freudiano, utilizaremos este termo a partir de agora em substituição daquele.

estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não-estimulada” (p.140). Em síntese, para que as excitações libidinais não se tornem aflitivas, é preciso que o aparelho psíquico as controle (Freud, 1914/1974).

Pensando sobre essas flutuações da quantidade de estímulos que afetam a vida mental desde o nascimento do ser humano, Freud (1915a/1974) fala que os sentimentos agradáveis estão ligados à diminuição dos estímulos e os sentimentos desagradáveis a um aumento dos mesmos. O autor (1914/1974) aponta que “o desprazer é sempre a expressão de um grau mais elevado de tensão” (p. 101). Podemos perceber então, que dependendo do estado quantitativo desses estímulos libidinais no interior do psiquismo, surgem estados qualitativos como as sensações agradáveis e desagradáveis ao psiquismo, dentre outras possíveis.

É relevante pensar que a criança, ao entrar no mundo, inicia seu processo de constituição psíquica, de modo que, se antes do nascimento há um estado agradável pela não percepção da variação de estímulos, no nascimento a alternância do prazer-desprazer torna-se inevitável pelas imensas variações vividas. A criança então tentará a todo custo procurar o equilíbrio que se perdeu internamente, mas será que com um ego tão imaturo consegue realizar tal feito?

De acordo com Freud (1925-1926/1976), a criança descobre que um objeto externo (a mãe) traz apaziguamento à situação vivida de desamparo. Ele diz que existe, por parte de quem exerce a função materna, a situação em que ela satisfaz as necessidades da criança. Nessas situações, a criança cria a representação psíquica interna do objeto mãe, de modo que todo o perigo que ela teme do estado de desamparo passa a ser deslocado para a ameaça de perda do objeto real e externo materno. Agora, será justamente a ausência da mãe externa e real que irá constituir o perigo sentido, inicialmente, pela criança no nascimento. O que

ocorre é que o objeto-mãe amado fica associado na criança a uma proteção contra as situações de desamparo.

Sobre esse aspecto, é suficiente ler o texto *Inibições, Sintomas e Angústia*³ de Freud (1925-1926/1976) para constatar que, quando a criança tem uma necessidade que precisa ser satisfeita, passa a ocorrer um intenso investimento da representação interna do objeto materno. Aqui, não se pode esquecer que esse investimento é o da excitação com caráter libidinal, que quando elevado gera a tensão qualitativamente denominada de desprazer.

No texto *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*, Freud (1914/1974) fala abertamente sobre uma necessidade do ser humano de um investimento libidinal no mundo externo, isso para que a catexia libidinal não se exceda no ego ocasionando um desprazer. De forma enfática, ele afirma que se devem amar os objetos do mundo externo, justamente para o ser humano não cair em um adoecimento ocasionado por um amor (investimento libidinal) apenas dentro de si.

É importante pontuar aqui o que Freud entende por libido, pois é assim que abordaremos melhor o que ele define como sendo o amor. Sabendo disso, surge o ímpeto de esclarecer, previamente, o que está por vir nos próximos parágrafos. O que se designa aqui de *energia psíquica de caráter sexual*, pode ser chamada de *libido* (Laplanche e Pontalis, 2000). Feito esse comentário, entraremos imediatamente na concepção de amor para Freud, ao tomarmos como direção o estudo da libido.

³ Embora na versão da obra utilizada, o título ter sido traduzido por *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, a tradução para *Inibições, Sintomas e Angústia* aproxima-se mais do original.

A Concepção de Amor para Freud

Em *Sobre a Transitoriedade*, Freud (1915-1916/1974) traz que a libido é definida como uma capacidade inerente do ser humano para o amor, que inicialmente, é dirigida para nosso próprio ego, para só assim, poder ser desviada para os objetos do mundo externo. O texto ainda apresenta que, em caso de algum desses objetos investidos serem destruídos ou perdidos, a capacidade para o amor (investimento libidinal) seria liberada do objeto externo, e como consequência, poderiam surgir daí dois destinos: um, seria a libido ser dirigida para outros objetos externos, e outro, seria retornar para o próprio ego (objetos internos).

Em *As Pulsões e Suas Vicissitudes*, Freud (1915a/1974) define o amor como uma capacidade do ego em satisfazer impulsos sexuais em sua relação com o objeto, chegando a exclamar: “preferiríamos considerar o amor como sendo a expressão de toda a corrente sexual de sentimento” (p.154). Ele apresenta aí a ideia de que o amor admite três opostos: 1) amar - indiferença; 2) amar - odiar; 3) amar - ser amado. Para uma melhor compreensão do amor e seus opostos, ele argumenta que seria interessante refletir a partir das três polaridades que regem a vida psíquica: 1) sujeito (ego) – objeto (mundo externo); 2) prazer – desprazer; 3) ativo – passivo.

Assim, o autor prossegue falando do amor. No início da vida, o mundo externo não é investido libidinalmente, sendo neste momento, para o ego, algo indiferente. O amor, nesta primeira polaridade “sujeito – objeto (mundo externo)”, tem relação com a obtenção de satisfação das pulsões em si mesmo. O amor aqui é marcado como uma atividade autoerótica em que o ego ama somente a si próprio, e isto é chamado de *narcisismo*. O oposto “sujeito-objeto” reproduz a polaridade “amor-indiferença”. A partir das pulsões de autopreservação, o mundo externo adquire interesse para o sujeito, e dessa forma há introjeção de objetos externos que são fontes de prazer e uma projeção dos objetos internos que causam desprazer.

Nessa divisão entre ego e mundo externo, o primeiro é posto em relação ao prazer, enquanto o último ao desprazer, algo que tem como consequência o mundo externo ser sentido como hostil. Agora, nessa nova forma de organização, o mundo externo, que antes era indiferente, passa a ser odiado. O oposto “amor-ódio” reproduz, nesse sentido, a segunda polaridade, “prazer-desprazer”.

O terceiro oposto “amar – ser amado”, descrito ainda nesse texto, reproduz a polaridade “atividade-passividade”, no qual ocorre um retorno da libido (do amor) ao próprio eu. O que se quer dizer é que, ao se refletir sobre o “ser amado”, há a atividade de um amor que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo. A mudança de posição do “amar” para “ser amado” deve ser vista deste modo: a) o amor é primeiramente uma satisfação de impulsos sexuais encontrados pelo ego na relação com o objeto; b) o objeto é abandonado e substituído pelo próprio eu; c) uma pessoa é procurada mais uma vez, mas agora o ego é que será objeto de satisfação do outro, e nesse momento surge o “ser-amado”.

O ser amado surge aí com a finalidade de satisfação em uma escolha de objeto narcisista. Lembra-se que Freud (1914/1974) em suas pesquisas revelou que existem dois tipos de escolha de objetos de amor em todo indivíduo, mesmo que exista em cada um uma preferência por um ou por outro. Ele diz que o tipo anaclítico adota a mãe (a pessoa que ocupou o lugar de cuidar da criança) como modelo de investimento libidinal ulterior, e o tipo narcísico adota os próprios eus como modelo de tais escolhas de investimento. É importante lembrar que, apesar de ter sido destacado que existem dois objetos para amar (a si próprio e a pessoa que ocupou o lugar de cuidadora em sua história de vida), não se pode deixar de apontar o fato de que o objeto é o que há de mais variável, podendo inclusive assumir as mais diversas formas.

Sobre esse tema do amor, em *Inibições, Sintomas e Angústia*, Freud (1925-1926/1976) irá revelar na parte IV, que Eros, essa pulsão que representa o amor, é um movimento libidinal que se esforça por tornar o ego e o objeto amado um só.

Semelhante ideia encontra-se no *Seminário I* de Lacan, quando este diz que “o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto”, ou seja, que “o desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, enviscado, submetido na particularidade absoluta de si mesmo como objeto” (1953-1954/2009, p.359).

Ao reler as propostas de Freud, a teoria de Jacques Lacan tornou-se uma das maiores contribuições já realizadas na psicanálise. Deste modo, uma pergunta já se impõe bem a nossa frente: qual será a leitura que Jacques Lacan faz da libido proposta por Freud? Baseado nessa questão e continuando no foco em definir o amor em Freud, entraremos na concepção de Jacques Lacan como um recurso a mais, visando ampliar e aprofundar o que estamos buscando saber sobre o amor. Ressaltamos que buscaremos em Lacan sua definição de amor, exclusivamente, baseada em sua relação com a libido. Caso existam outras definições de amor para este autor, adiantamos que não serão tratadas neste trabalho.

A Concepção de Amor para Lacan

Lacan, citado por Allouch (2010), destaca o pensamento freudiano ao proferir que “amamos o outro com a mesma substância úmida que é aquela de que somos reservatório, que se chama libido” (p.211). Entendemos disso que, quando se ama um objeto, isso quer dizer investimento libidinal, que em outras palavras, será o mesmo que definir o amor como um investimento psíquico de natureza sexual.

A libido é, nas palavras de Lacan (1964/2008), a presença efetiva do desejo. No *Seminário 6 – O Desejo e Sua Interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) destaca que a libido será tratada a partir do desejo humano, desejo este que surge de uma falta. Entendemos que o desejo é conceituado nesse seminário como uma força que busca investir, libidinalmente, o que falta. Em Freud (1900-1901/1972), o desejo é descrito justamente como um impulso que busca recatexizar a imagem mnemônica da percepção, uma imagem ligada à primeira experiência de satisfação, um tipo de satisfação intensa que houve e não se tem mais. Essa primeira satisfação é elevada devido ao fato de o aparelho psíquico senti-la pela primeira vez, e, por isso, ainda não oferece nenhuma resistência psíquica. A força de impacto das satisfações, daí em diante, não tem mais a mesma intensidade da primeira. Pois, o aparelho psíquico já se modificou criando resistências, com a finalidade de diminuir o tamanho do impacto.

Entendemos então que, o pensamento lacaniano segue fielmente o freudiano nesse quesito, por isso, é sugerido que toda vez que se fale de desejo nesse trabalho, entenda-se que essa é a orientação lacaniana para a ideia freudiana de um investimento de libido diante do que falta.

Nas exposições de Lacan (1956-1957/1995), no *Seminário 4*, ele postula que nas primeiras relações estabelecidas entre a criança e a mãe, aquela vive a experiência de falta chamada frustração, uma falta vivida a partir da presença-ausência da mãe, que passa a ser um terreno preparatório para a castração. Ele ainda desenvolve essa ideia no mesmo seminário dizendo que “a mãe é aqui objeto de amor, objeto desejado por sua presença” (p.228), contribuindo para o entendimento de que a criança trata inicialmente sua mãe como objeto de amor, sendo ativa no ato de amá-la, e isso pode ser entendido no sentido da criança desejar a presença da mãe. Essa ideia é também explicitada no *Seminário 5*, no qual Lacan

(1957-1958/1999) fala que o amor visa obter uma presentificação essencial, que é o próprio ser⁴ do Outro. Nesse sentido, o amor, conforme destaca Siqueira (2015), é uma forma de se ter acesso ao ser do Outro.

É claro que para tudo isso acontecer, como foi visto, é preciso que a criança tenha sido amada inicialmente, recebendo uma atenção privilegiada no nascimento, sentindo o prazer de suas necessidades satisfeitas e assim um amortecimento do estado de desamparo. Para se ter esse valor de ser amada, com tamanha atenção, é preciso que a criança entre no mundo já tendo um lugar esperado, um lugar amado por quem ocupe a função materna, lugar este que nada mais é que o *ser do Outro*, este lugar que, imaginariamente, supõe-se completar a falta da mãe. Conforme vimos, é importante que diante das primeiras vivências da criança, nas quais surgem uma imensa variação de estímulo, exista um outro ali disposto a se dedicar a reduzir seu desprazer interno.

Dentre suas experiências, é quando a criança passa a perceber que pode dar prazer à mãe, e com a finalidade de mantê-la presente, que Lacan (1956-1957/1995) afirma que ela passa a incluir a si mesma como objeto do desejo da mãe, visando continuar a ser amada por essa figura materna, com a finalidade, poder-se-ia dizer, de garantir sua presença.

Nesse sentido, segundo Kaufmann (1996), no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, Lacan apresenta o amor como um meio de se atingir o fim de ser amado, e isso a partir do assujeitamento ao desejo do Outro.

Conforme Siqueira (2015), “o amor é um tipo de loucura que atribui ao outro o que ele não tem” (p.151). Sua ideia é a de que o movimento de ocupar o lugar de ser amado é uma espécie de proteção diante da possibilidade iminente de desvalorização. Entendemos com isso que o ser amado é o ato de ser valorizado, e para isso acontecer, tem-se que se

⁴ Este termo é citado por Lacan (1972-1973/2008) em referência ao que faz falta no sujeito, e Siqueira (2015) compreende isso como a marca do desejo do Outro.

colocar como o que falta ao Outro. Para a autora, o ato de amar já é uma busca que implica o querer ser amado.

O que se quer dizer é que todo movimento de amor da criança é garantir ser amada; ou seja, é quando a criança percebe que pode satisfazer a mãe, ao colocar-se como o que lhe falta, que ela vê a possibilidade de conseguir a presença de sua mãe em vez da ausência.

De modo geral, a teoria do amor, como sugere Lacan (1956-1957/1995), é pensada no fato de a criança se dirigir à falta percebida no objeto materno. Para ser amada, a criança lança-se em benefício de ser um objeto que tampona a falta materna. Chama a atenção o autor explicar que o amor na posição ativa, amor esse que existe direcionado da criança para a mãe visando garantir a presença desta, abre a porta para um amor em uma posição passiva da criança. A criança passa então a incluir a si mesma nessa relação como objeto, para atingir o que é essencial, que como foi visto, é ser amada.

Acredita-se aqui que o amor em uma posição ativa pode ser considerado como uma maneira de lidar com a falta, vivida pela criança através das frustrações de não ser o objeto do desejo da mãe. No jogo das posições de amar e ser amado, caso não haja nenhuma fixação libidinal, é comum ocorrer na organização psíquica uma mudança na predominância da posição passiva de ser amado para uma ativa de amar.

Quando o acento que se coloca cai sobre o tema do amor é notável perceber duas posições a serem ocupadas no processo de constituição de um sujeito. Uma é a posição de amante, algo ativo no movimento de investir libido, outra é a posição de amado, lugar passivo no movimento de receber investimento libidinal.

Em síntese do que já foi tratado, desde o surgimento da criança no mundo até o fim de sua vida, pode-se dizer que seu amor irá se dirigir para si mesmo e para os objetos externos. Com relação aos objetos externos existe certa especificidade, pois apesar de se apresentarem

nas mais diferentes formas, ele é escolhido, conforme vimos na referência à obra freudiana, o próprio eu e/ou o representante da pessoa que ocupou o lugar de objeto materno.

Segundo Nasio (2007a), o amor é um laço que se tem com um objeto, é uma energia constituída de um duplo investimento, no qual existe tanto um investimento no objeto externo como no seu duplo interno. Deixa-se agora ainda mais claro que toda vez que se falar em *investimento externo* se estará pensando em um amor voltado ao objeto real com o qual o sujeito se relaciona, e *investimento interno* em um amor voltado para a imagem fantasiada e inconsciente do mesmo objeto (a sua representação interna).

Ainda com o autor, o amor é de extrema importância para os seres humanos justamente por sustentar suas fantasias internas, e é dessas inúmeras imagens internas, representadas pelos objetos externos com os quais se relaciona, que o psiquismo é constituído. Porém, pode haver uma reação psíquica de grande relevância, quando, diante de uma vivência de rompimento na relação com um objeto externo, ocorre que toda energia psíquica é investida de forma radical na imagem interna que não tem mais o suporte externo, sabendo que para isso, todas as outras imagens do psiquismo são desinvestidas. Tal imagem interna torna-se o foco de toda a energia investida do sujeito, e nesse movimento de desinvestimento das demais representações internas e superinvestimento em uma única representação, é que surge o que é chamado de dor psíquica.

Dentre os estados qualitativos existentes como efeitos das quantidades e destinos da libido, a dor psíquica é um dos mais importantes. A dor psíquica torna-se um aspecto interessante quando se quer pesquisar sobre a quantidade e o destino da libido, principalmente, quando o próprio Freud (1925-1926/1976) diz que a constituição do sujeito é marcada pela vivência psíquica de perdas de objetos investidos, e isso pode gerar dor. É pela importância dada ao afeto de dor como inevitável no processo de constituição psíquica, e pela

tentativa de realce que se pretende dar aqui a esse importante afeto na constituição do sujeito, que se faz necessário delimitar melhor o tema da dor segundo a visão da psicanálise.

A Dor na Teoria da Psicanálise

Desde o início da psicanálise, houve por parte do jovem Freud uma tentativa inerente de entender o processo econômico do sistema psíquico. Nessa busca, sua orientação dava-se a partir das peculiaridades de investimentos e desinvestimentos psíquicos das excitações de caráter sexual, conforme vimos sobre a libido. Suas observações iniciais tinham como foco as manifestações sintomáticas de um sujeito, e as entendia como maneiras encontradas pelo psiquismo de chegar a uma descarga de libido. Por mais sofrimento que houvesse em um sintoma, ainda assim, era por ele visto, como uma forma econômica do aparelho psíquico de conseguir um certo alívio para uma tensão interna.

Nessa época, ele ainda estava muito ligado ao campo da medicina, mais especificamente ao da neurologia. Logo, seu ímpeto de pesquisa voltava-se para estabelecer uma explicação lógica e anatômica dos diversos processos psíquicos, tudo a partir da matéria que constituía o sistema nervoso: os neurônios. Isso resultou na produção de um interessante projeto, que ficou por anos guardado e engavetado, sob o título de *Projeto para uma Psicologia Científica*. Dentre os vários temas tratados nesse escrito, a dor não ficou de fora, fazendo parte do repertório de suas investigações.

Nesse *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud (1895-1950/1977) discorre sobre os dispositivos biológicos do sistema nervoso e atribui, como constitutivo deste, uma tendência a manter afastadas as grandes quantidades de estímulos, assim como vimos no tópico anterior. O autor se questiona sobre a existência de um fenômeno que poderia ser interpretado como um fracasso desse funcionamento, chegando à conclusão de que a dor é

uma manifestação qualitativa da falha no mecanismo de lidar com as excitações⁵. A dor seria aí caracterizada como uma resposta qualitativa às grandes quantidades de excitações devido ao fracasso do sistema nervoso em tentar diminuir o aumento da tensão quantitativa.

No clássico trabalho *Inibições, Sintomas e Angústia*, em que Freud (1925-1926/1976) trata como tema a quantidade de excitação interna vivida por diversas situações na vida, inclusive destacando que seu primeiro momento já é no nascimento, o autor enfatiza que: “todo indivíduo tem, com toda probabilidade, um limite além do qual seu aparelho mental falha em sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas” (p.172).

Sobre esse fracasso do aparelho psíquico, que tem como resposta a dor, Quinet (2006) lembra que, para Freud, uma grande quantidade de excitação interna, de caráter doloroso, é promovida por uma perda, e que uma perda pode existir em cada momento da vida de um sujeito, pois em cada momento vivido há algo que o sujeito pode perder.

Falar em dor na psicanálise permite pensá-la a partir de diferentes pontos de vista. Ao falarmos de dor nesse trabalho, estaremos dando prioridade, conforme Freud propõe, à falha do aparelho psíquico em controlar uma sobrecarga de excitações de caráter sexual (libido), devido às perdas diante da vida.

É bastante interessante ver o que Freud (1892-1899/1950/1977) escreve sobre a dor ao falar da melancolia no *Rascunho G*, no qual diz que a dor é um movimento para dentro do psiquismo de grandes quantidades de excitações, isso ocasionado por uma perda.

Nessa concepção, de que na dor está implicada uma perda, e partindo do que já definimos sobre o amor como investimento de libido, será que é possível formular aqui que a dor poderia ser uma forma específica da perda do objeto de amor? Só que nesse caso, na dor

⁵ O que se designa aqui pelo termo “excitações” é definido como um sinônimo de “estímulos instintuais de caráter sexual”, que seria o mesmo que se referir ao impulso libidinal.

como uma forma peculiar do amor, não há uma divisão nos destinos da libido, como foi explicado na definição do amor: de um investimento no objeto externo e na sua representação interna. Nessa nova maneira de pensar o amor manifestada como dor, o destino de todo investimento libidinal é voltado apenas, e exclusivamente, para dentro do aparelho psíquico.

O amor nos faz pensar em um investimento tanto no objeto do mundo externo quanto na representação desse mesmo objeto, no mundo interno. Ou seja, o que já foi visto anteriormente é que amar é investir, libidinalmente, e, duplamente, em dois objetos: um interno e um externo. Já a dor, como vem sendo articulada, aponta para uma união de todo o amor (todo investimento) apenas no objeto interno, e não é isso que Freud (1915a/1974) define pelo conceito de narcisismo? O nosso entendimento é pensar a dor como uma manifestação de um investimento narcísico. Em síntese, a dor é o estado qualitativo de uma soma desse investimento dividido e duplo do amor, que devido à perda do objeto externo, a libido do objeto externo se une à libido do objeto interno. É a retração da libido do objeto externo, somada à libido do objeto interno, que leva ao aparecimento do estado qualitativo de dor. De outro modo, levantamos aqui a questão de saber se é possível definir a dor como uma forma de amor, mais especificamente o amor definido no conceito de narcisismo.

Conforme afirma Melman (1991), “a doença começa quando o amor é retirado dos objetos e reflui sobre o eu” (p.21). Pode-se entender que o autor está justamente se referindo a uma soma que há entre a libido dos objetos externos retraída e a libido dos objetos internos (partes constituintes do eu).

Sobre esse investimento de libido dirigida para o ego, Freud (1914/1974) também traz como exemplo o processo de dor orgânica e mal-estar, no qual uma pessoa perde o interesse pelo mundo externo retirando seu investimento libidinal de seus objetos de amor externo. Segundo o autor, “o homem enfermo retira suas catexias libidinais de volta pra seu próprio

ego, e as põe para fora novamente quando se recupera” (p.98). Essas palavras parecem transmitir a ideia de que, seja na dor física seja na dor psíquica, o mecanismo de reação à dor é o mesmo quanto à intensidade e ao destino da libido.

Algo que precisa ser pontuado é que a dor para esse estudo está relacionada à economia libidinal na organização do sujeito, como já foi anteriormente enfatizado. O que se tem encontrado é que a diferença entre o amor e a dor está baseada em duas variáveis: na quantidade e no destino da libido. No amor, a quantidade de libido é dividida em dois objetos (interno e externo), e o destino também é duplo: uma parcela fica dentro do psiquismo e outra fora dele. Já na dor, toda quantidade de libido é destinada para um único objeto dentro do aparelho psíquico.

Freud (1925-1926/1976) diz que “parece evidente por si mesmo que a separação de um objeto deve ser dolorosa” (p.194), e essa dor citada no texto é descrita como um efeito de um investimento libidinal elevado e interno, ocasionado pela separação de um objeto externo.

Devido à grande contribuição que Nasio (2007a) tem no assunto, faz-se necessário, aqui, uma exposição de sua teoria da dor. Enquanto o amor em sua perspectiva é um excesso de investimento em uma representação interna que se apoia sobre algo do mundo real e do qual é reflexo, a dor é um investimento ainda maior, só que somente na representação interna e sem o suporte externo e real, devido ao rompimento de investimento libidinal. A dor é aí, na concepção do autor, uma reação à saturação da imagem do objeto perdido.

Assim, a reação afetiva a uma valorização forte da representação interna do objeto externo ao qual se estava ligado, e do qual agora se está privado, é chamada de dor. A dor é então uma reação afetiva de uma perda brutal e imprevisível de um laço de amor, em que o eu superestima a representação do objeto amado e perdido (Nasio, 2008).

Então, nesses termos, pode-se pensar a dor psíquica como uma dor de separação, como uma dor da perda de um objeto ao qual se estava ligado. Seguindo essa ideia, percebe-se que a diferença entre a dor corporal e a dor de amar, é que: enquanto na primeira ocorre lesão do corpo, na segunda a lesão é no laço de amor (Nasio, 2007a).

A dor para Nasio (2007a) é uma lesão, uma ruptura brutal no laço de amor que liga ao objeto amado, é um afeto que expressa na consciência a percepção pelo eu do laço rompido, e isso é uma dor traumática. A dor psíquica é por ele falada como existente sobre um fundo de amor, sendo uma dor de amar, e essa dor expressa uma contradição vivida entre o objeto de amor, que não existe mais na realidade, e o objeto de amor que permanece vivo internamente. A dor é em seu escrito um afeto que surge na consciência como uma tradução pelo eu do que se passa no inconsciente. O autor aponta o eu como uma espécie de tradutor, tradutor da língua inconsciente para a língua do consciente, de forma que, com a perda de um objeto amado, o inconsciente fica um caos, sendo a dor uma tradução deste caos para a consciência.

Essa ideia também encontra-se nas linhas de pensamento de Cintra e Figueiredo (2013) que, ao escreverem sobre a perda e suas consequências no psiquismo, dizem: “O luto é um processo de aprofundamento da relação do sujeito com seus objetos internos, a vivência de um despedaçamento do mundo interno, que leva à sensação de caos” (p.40).

Um esclarecimento que facilita o que está sendo dito, é a compreensão do que seria um afeto. Lacan (1958-1959/2016) pensa o afeto como relacionado a fatores quantitativos, afirmando que: “os afetos correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sensações” (p.64). O afeto é o estado qualitativo no psiquismo ocasionado por reações a fatores quantitativos.

Sobre esse assunto, Nasio (2008) apresenta uma ideia que é bem interessante. O *afeto* é uma expressão na consciência de uma variação ritmada das pulsões. Enquanto as sensações

de prazer e desprazer estão relacionadas a oscilações de tensão, a dor é uma ruptura violenta desse ritmo, é uma variação intolerável das pulsões. Diante de tais variações, como já foi dito, o eu no sistema psíquico, tem tanto a função de um detector endopsíquico como de um tradutor consciente. O eu, também, funciona no psiquismo como um desacelerador do movimento de energia livre, pois visa com isso moderar a carga de tensões internas, e esse princípio tem como objetivo preservar o eu de um transbordamento de excitações que ameaça sua integridade. Nesse sentido, a dor é justamente uma reação a uma grande excitação que nenhuma inibição consegue refrear, e deste modo, rompe as barreiras de ser refreado, mas não chega a destruir o eu.

Neste momento, revela-se de maneira implícita como as defesas do eu são relevantes, pois são justamente as defesas do eu que controlam e organizam o nível quantitativo de libido dando um destino para a grande quantidade interna no aparelho psíquico. As defesas psíquicas, desde o nascimento até o fim da vida, funcionam como um suporte que freiam e moderam as excitações, sempre buscando preservar o eu de um aumento exorbitante que acarrete a dor. Deste modo, os mecanismos de defesa são tentativas importantes do eu de manter um certo equilíbrio interno, sempre buscando uma estabilidade.

Ainda nesse tema, tem-se que diferenciar a dor de alguns outros estados qualitativos: o desprazer e a angústia. Pois, quando se fala de estados qualitativos pode existir uma linha muito tênue que os diferencia, devido a suas definições serem igualmente baseadas no aumento quantitativo, e por isso, podendo causar equívocos e distorções teóricas para o leitor. Apesar da semelhança que pode haver entre tais estados qualitativos, no que se refere a um aumento de tensão interna, há particularidades em cada um desses estados que merece um momento de nossa atenção. Iniciaremos falando da diferença entre a dor e o desprazer, para adiante marcarmos a diferença entre a dor e a angústia.

A Dor, o Desprazer e a Angústia

Existem diferentes afetos qualitativos que têm como base o aumento quantitativo de libido, dentre eles destacam-se a dor, o desprazer e a angústia. De imediato, já surge a inquietação de entender o que os diferencia. Como o foco aqui é delimitar o que é inerente à dor, acaba sendo relevante distinguirmos tal afeto com relação àqueles dois outros já citados. Realizar essa diferença nos ajuda a deixar mais delimitado o que de fato é a dor, algo necessário para atingirmos um dos principais objetivos desse trabalho, que é saber como se dá a dor na psicose.

Kaufmann (1996) lança uma diferença baseada no local de origem: enquanto o desprazer origina-se do interior, a dor origina-se do exterior. Aqui, é possível entender o que o autor quis dizer com esse surgimento da dor do exterior, que é algo que aponta, como vimos, para as vivências de perdas do objeto externo, ou seja, cortes nos laços de amor.

Outra diferença entre o desprazer e a dor pode ser encontrada no texto de Nasio (2007a), ao destacar que quando o que é traduzido do inconsciente para o consciente é moderado e é possível de ser controlado, tem-se a reação de desprazer. Porém, quando o que é traduzido surge como uma imoderação do que há no inconsciente, sendo extremo e agitado, tem-se a dor.

Ressaltamos que, na dor, o que é traduzido como extremo e não controlado é ocasionado por um acúmulo libidinal. A quantidade de libido dirigida para o interno aumenta com a intensidade da libido que antes era dirigida para o externo. Ocorre que o investimento libidinal que não encontra mais o suporte externo, devido a uma perda, tem como destino voltar-se para dentro, como já foi anteriormente discutido.

Conforme afirma Nasio (2007a), no desprazer, como também foi visto, há uma percepção do eu de uma tensão elevada, mas passível de ser modulada, visando à descarga,

seguindo as leis do *princípio de prazer/desprazer*: princípio segundo o qual quando o psiquismo é submetido a uma tensão, seu movimento é o de procurar a descarga. Já no caso da dor, o eu tem uma autopercepção de uma tensão descompassada, uma tensão que não é passível de ser controlada. Ou seja, tem-se dor quando se foge dos limites do princípio de prazer/desprazer, pois na dor existe um caos pulsional, um verdadeiro descontrole.

No mesmo sentido, Kaufmann (1996) traz que quando o eu não consegue inibir um aumento permanente e exacerbado de desprazer, devido à libido que era destinada ao objeto externo e passa a somar-se a que já existia no interno, pode surgir a dor.

Outra importante diferenciação que se tem que fazer, com o mesmo fim de diminuir possíveis confusões teóricas e delimitarmos melhor a dor, é distanciá-la do que se designa pelo nome de *angústia*.

Para Freud (1925-1926/1976), “a angústia é uma reação a uma situação de perigo” (p.152), é um sinal que tem a finalidade de evitar tal situação. A angústia surge da sensação do ego de que está havendo um aumento de excitação interna que precisa ser descarregada. O que o autor apresenta é que “a angústia vem a ser uma reação ao perigo de uma perda de objeto” (p.194), enfatizando, para não deixar dúvidas, que as reações afetivas a uma separação propriamente dita, são de dor e de luto, e não de angústia.

A proposta de Nasio (2007a) é que enquanto a angústia é uma reação frente à ameaça de perda, a dor é uma reação à própria perda. Para ele, a angústia surge da imaginação da falta, nasce da incerteza de um perigo temido, já a dor surge da certeza de uma ruptura irreparável e sem volta. Ou seja, a angústia surge como um alerta para que se tomem atitudes de defesa e o sujeito não venha a presenciar a dor, aparecendo como uma maneira de evitar a perda propriamente dita.

De acordo com Freud (1925-1926/1976), “a dor é assim a reação real à perda de objeto, enquanto a angústia é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto” (p.196).

O problema é que na vida pode existir um inestimável número de acontecimentos reais súbitos relacionados à perda, e em muitos destes não há um preparo prévio com uma defesa do eu, ocasionando deste modo, no sujeito, a reação de dor.

Nasio (2007a) considera como algo traumático um acontecimento diante do qual o eu pode vivenciar um estado de choque, devido a não assimilação da carga excessiva de excitação. É por isso que para esse autor, o eu se utiliza dos mecanismos de defesa como uma alternativa de conter e domar as cargas crescentes de excitação no psiquismo, dentre eles, destaca-se um dos mais importantes, o recalque.

Ao se passar pela obra freudiana, é possível localizar uma ênfase que recai sobre a necessidade de satisfação pulsional do sujeito, algo em comum acordo com as defesas. O objetivo é apaziguar a carga de excitação pela via da descarga, na busca de uma satisfação.

Basta percorrer alguns dos principais textos da obra freudiana para se observar o que acabou de ser dito, podendo ser destacados: 1) os *Estudos Sobre a Histeria*, no qual se encontra a defesa controlando as excitações sexuais ao permitir uma parcela de satisfação nos sintomas (Freud, 1893-1895/1974); 2) no livro *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, em que a defesa, nos seus acordos com as excitações, dão a possibilidade de satisfação nos lapsos de memória e de linguagem (Freud, 1901/1976); 3) no *Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, destacando-se a defesa ao permitir possíveis satisfações nas piadas (Freud, 1905/1977); 4) em sua célebre obra *Interpretação de Sonhos*, destacando que, mesmo no estado de sono as defesas têm um papel relevante ao se deixarem ser diminuídas e acabar

dando abertura para inúmeras satisfações, chamando a atenção para uma exclusiva situação em que não há defesa, que é o estado de angústia (Freud, 1900-1901/1972).

Portanto, as satisfações pulsionais que ocorrem devido aos acordos com as defesas são relevantes para o psiquismo, para que não haja um nível de excitação interna elevada que possa levar ao surgimento da dor. É então com a finalidade de regular o surgimento de altas quantidades de excitação interna que as defesas cedem a uma certa parcela de satisfação. Disso podemos sublinhar um aspecto muito importante: o de que há uma relação direta das defesas com o surgimento ou não do afeto de dor. Logo, para se abordar melhor o estudo da dor na psicanálise, torna-se inevitável tratar os meios através dos quais é possível ou não evitar esse afeto de dor.

Nos próximos parágrafos, será voltada a atenção, especificamente, para: os modos possíveis de satisfação pulsional e para a importância das defesas em barrar o aumento de excitação, quando diante de uma tentativa de uma elaboração psíquica ocasionada por uma situação de luto (de perda). Pois, como foi falado, são meios ofertados pelo psiquismo para não deixar que haja um acúmulo libidinal interno que chegue à dor. Deixa-se claro que abordar as satisfações pulsionais, as defesas e a elaboração psíquica são maneiras de situar melhor o lugar da dor, seja pela via de explicar as tentativas do psiquismo de evitá-la, seja pelo entendimento do que leva ao encontro direto com a mesma.

Satisfações Pulsionais, Defesas e a Tentativa de Elaboração Psíquica

A satisfação pulsional tem em sua essência buscar a descarga de toda tensão psíquica, e se não fossem as defesas impedindo esse ato, propondo um acordo e cedendo a uma parcela de satisfação, haveria uma destruição do sujeito. Como já foi anteriormente citado, as defesas tentam controlar o excesso de uma carga de excitação libidinal, objetivando uma diminuição

da tensão interna sem ser por uma satisfação total. Tomando como exemplos a organização histérica e a obsessiva, nota-se, na primeira, que há o predomínio do mecanismo de defesa conhecido como conversão, já na última o do deslocamento. Enquanto na histeria ocorre satisfação de uma parte da pulsão por um sintoma no corpo, na obsessiva será por ideias obcecantes.

O que se sabe é que existe uma condição diferenciada nos modos de satisfação pulsional, devido aos diferentes mecanismos de defesa. Em alguns sujeitos, a satisfação é mais eficaz do que em outros, referente a uma maior aproximação da homeostase. Portanto, é oportuno tomarmos conhecimento dos modos de satisfação pulsional.

Sobre esse assunto, é interessante tomar como base o que Freud (1920/1976) traz em *Além do Princípio de Prazer*. Nesse texto são apresentadas ao leitor, em níveis econômicos da libido, duas formas de satisfação pulsional: uma parcial e uma total. A primeira é o que ele designa como *pulsão de vida*, já a última é uma nova forma de satisfação apresentada, que vai além do que vinha sendo posto em suas obras anteriores. É por ele sugerida a existência de um ímpeto interno que busca uma satisfação total, satisfação em excesso, essa que implica na possibilidade de voltar ao inorgânico, nomeada por ele de *pulsão de morte*.

Conforme afirma Miller (2017), há no psiquismo uma substituição de satisfação pulsional total por uma parcial através da defesa do recalque, que opera recusando o gozo. Aqui se faz necessário dizer que para o autor, o que será na perspectiva freudiana *satisfação pulsional* é o que em termos lacanianos se fala de *gozo*, e esse será o sentido que se aplicará, de agora em diante, para esse último termo. A partir dessa definição, levantamos aqui a possibilidade de se falar em duas maneiras de gozar: um gozo que seria *parcial*, semelhante ao que foi dito sobre a pulsão de vida, e um *gozo total*, semelhante ao que foi dito sobre a pulsão de morte.

Permitimos então uma articulação importante com nosso objeto de estudo. Miller (2017) propõe que quando não há o estabelecimento da defesa do recalque, quando não surge o processo de substituição de uma satisfação pulsional total por uma satisfação pulsional parcial, pode-se estar falando, nesse caso, de uma forma de satisfação pulsional com característica própria da estrutura psicótica.

Já que estamos nos detendo em explicar a satisfação pulsional, que é chamado de gozo, salta uma outra questão: não seria interessante, antes de dar continuidade ao assunto, refletir sobre a diferença entre o *prazer* e o *gozo*, já que ambos os conceitos estão implicados em *satisfação*? Através dessas diferenciações é que se pode diminuir as dificuldades de um estudo metapsicológico como esse, e deste modo facilitar um dos caminhos que seguiremos mais adiante, que é o de circunscrever como se dá a satisfação permitida pela defesa da psicose.

Nasio (1993) apresenta um esboço de resposta ao tentar fazer essa diferença em uma de suas lições sobre os conceitos de Jacques Lacan. Ele diz que enquanto o *prazer* está relacionado à consciência e é caracterizado como uma sensação agradável, devido a uma diminuição da tensão interna, o *gozo*, por outro lado, está relacionado com o inconsciente e é definido como um estado de aumento ou manutenção de tensão em um nível intolerável, podendo chegar à dor. E esta última, é justamente uma das imagens do gozo na opinião do autor.

Quinet (2006) considera que a dor é um gozo que rompe o simbólico, ele diz que “a dor corresponde à satisfação da pulsão de morte” (p.172). Compreende-se que ele está relacionando a dor à satisfação da pulsão total, uma satisfação sem intermediações.

Em acordo com essa mesma ideia, em uma nota do livro *A Batalha do Autismo: Da Clínica à Política*, Laurent (2014) diz que “a noção de gozo implica uma dimensão de cheio-

demais de excitação, de excesso, que o aproxima mais do sofrimento que do prazer” (p.185). Logo, podemos chegar aqui a uma definição mais direta sobre o gozo, definindo-o como: uma satisfação no aumento ou na manutenção da tensão interna que aponta para uma destruição do sujeito. Esta destruição é aqui entendida como a satisfação visada não de si, mas do Outro. Esse assunto será melhor explicado no próximo capítulo, com a designação de *gozo do Outro*.

Pensando nas tentativas do eu de domar uma satisfação total libidinal (em uma linguagem freudiana), ou de outro modo, do gozo total (em uma linguagem lacaniana), seria relevante recorrer a algo que trata muito bem disso: a *elaboração psíquica*. Pois esta é uma possibilidade psíquica que poderá levar a um modo de satisfação pulsional referente à pulsão de vida. Sem o procedimento de uma elaboração psíquica, diante de uma elevada insatisfação, o que predomina é o modo de satisfação da pulsão de morte. Portanto, falar sobre a elaboração psíquica nos ajuda a compreender, com mais clareza, o modo de satisfação na psicose.

A Elaboração Psíquica

A elaboração psíquica é definida por Laplanche e Pontalis (2000) como um processo de simbolização que objetiva dominar as excitações sexuais (libido), integrando-as e estabelecendo conexão entre elas, e que a ausência ou a insuficiência de elaboração psíquica estão, respectivamente, na base da organização psicótica e neurótica.

A elaboração psíquica pode ser entendida como um auxílio mental que favorece o escoamento de excitações. Essas excitações de que se fala são aquelas que ficaram impossibilitadas de terem uma descarga (Freud, 1914/1974).

O que se sabe é que com a elaboração psíquica de uma perda, que se dá pelo processo de simbolização e o estabelecimento de uma articulação com outras representações, surgirá uma significação e poderá se ter um controle mais favorável da excitação. Esse assunto foi observado por Freud (1893-1895/1974) diante de seus pacientes, tendo ressaltado que diante de uma representação intolerável, as defesas barram o elo associativo dessa representação com outras do sistema psíquico. Nesses casos, haverá uma elaboração psíquica ineficaz. A representação intolerável permanece isolada como um núcleo patogênico, e diante do conflito entre a necessidade de satisfação e a defesa, surgem as *formações de compromisso*⁶.

Nota-se algo muito interessante ao se pensar na função das defesas, no ato de tentarem diminuir a libido interna pela via de uma satisfação parcial. Pois, uma analogia possível é encontrada no movimento ativo de amar um objeto externo. Nesse, do mesmo modo, parte da libido interna é diminuída ao dirigir-se para o objeto externo. Portanto, tanto as defesas como o ato de amar apontam um funcionamento que se aproxima quanto à função de escoamento dado à tensão interna.

Talvez esse seja o motivo que incita Nasio (2007a) a falar que um objeto externo amado tem semelhanças quanto à função que o processo de recalque tem no interno, ou seja, ambos limitam uma insatisfação interna. Ele entende que a separação de um objeto amado no externo acaba com o que limitava o acúmulo de excitação interna, devido à libido que era enviada para o objeto externo voltar para dentro do psiquismo. Por isso, o trabalho de luto é ensinado pelo autor como um movimento voltado para a reconstrução de um novo limite, consistindo em um desinvestimento gradativo da imagem saturada do objeto amado e redistribuindo-a para outras imagens (outras representações). No ensino do autor, o trabalho

⁶ É chamado de *formação de compromisso* o conjunto das produções do inconsciente, conjunto formado pela conciliação entre as forças do desejo e as exigências da defesa, ambas simultaneamente satisfeitas (Laplanche & Pontalis, 2000).

de luto não é deixar de amar o objeto perdido, mas amá-lo de forma moderada, abrindo a possibilidade para que um novo objeto possa ocupar seu lugar na realidade externa.

Entender sobre as formas do psiquismo lidar com o luto é uma maneira de chegar a um melhor entendimento do processo de constituição da psicose. Pois, como vimos, é inerente ao ser humano a condição de ter que lidar com as perdas diante da vida. Então, como seria o luto vivido na psicose?

Antes de prosseguir, não se pode deixar de esclarecer algumas definições: 1) a definição do termo *luto*, que nada mais é, nessa dissertação, que uma referência à vivência de uma perda, vivência que, como foi visto, pode levar à dor; 2) o *trabalho de luto*, que é citado aqui, como um processo de elaboração psíquica da perda.

Segundo Nasio (2007a), um luto elaborado é, simultaneamente, continuar investindo libidinalmente a representação interna, mas reconhecer sua ausência no mundo real. O luto elaborado é esse duplo processo de reconhecimento: por um lado, de que o outro está morto externamente, e, por outro, de que internamente está vivo, isso, nada mais é que uma constatação da ausência e da presença simultaneamente.

Mas o que pode acontecer quando o sujeito não consegue elaborar o luto de forma eficaz ou até mesmo nega a ausência desse objeto no mundo real? Talvez seja aí que se possa pensar no luto patológico, um estado em que o sujeito continua a amar a representação interna do objeto perdido, negando sua ausência na realidade e, portanto, não acreditando na sua inexistência (Nasio, 2007a).

Ao falar sobre esse processo de investimento e desinvestimento libidinal que ocorre no processo do luto, Freud (1915-1916/1974), em *Sobre a Transitoriedade*, diz:

Mas permanece um mistério para nós o motivo pelo qual esse desligamento da libido de seus objetos deve constituir um processo tão penoso, e até agora não fomos

capazes de formular qualquer hipótese para explicá-lo. Vemos apenas que a libido se apega a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto. (p.347)

Quem também fala desse assunto são Figueiredo e Cintra (2013), ao lançarem em seus textos que o que marca o lugar do sujeito na cultura é um luto, uma perda da plenitude de amor com exclusividade absoluta em relação às figuras parentais. O momento crucial em que isso ocorre, para os autores, é no complexo de Édipo, justamente por existirem lutos e separações.

Segundo Lacan (1958-1959/2016), é em torno da vivência de luto do *falo* que irá ocorrer o declínio do Édipo. O autor ainda diz:

Mais exatamente, o luto vem coincidir com uma hiância essencial, a principal hiância simbólica, a falta simbólica, o ponto x, em suma, do qual o umbigo do sonho, que Freud evoca em algum lugar, talvez seja apenas o correspondente psicológico. (p.364)

Talvez essa ideia esclareça um pouco a dificuldade de a libido ser desinvestida dos objetos internos, pois pode-se pensar aqui que tais objetos de amor foram justamente utilizados pelo ego como substitutos do objeto materno real e externo. Este objeto é muito importante por poder reduzir a tensão vivida de desamparo desde o nascimento, algo que já foi bem discutido anteriormente neste tópico. Sabemos então, que diante da dificuldade de a libido ser desinvestida dos objetos internos, pela vivência de lutos constitutivos, poderá haver a dor. Mas será que o processo de lidar com essa supervalorização libidinal interna que gere dor em uma organização neurótica é semelhante à da organização psicótica?

Na ideia de Nasio (2008), a supervalorização de uma imagem mental torna-a incompatível com o eu, deixando-a inconciliável com todo o sistema. A imagem muito valorizada fica então excluída do conjunto das outras representações do eu, e nesse momento

ocorre uma bifurcação: se a imagem excluída das outras representações continuar no sistema, sendo entendido o termo *exclusão* como uma forma de manter essa imagem à distância das outras representações no sistema, a dor é assimilada ao mecanismo de recalque que ocorre na neurose. Porém, o autor coloca que se essa exclusão for a um ponto de ser vista como nociva ao eu e assumir um caráter de expulsar a imagem de todo o sistema, a dor é assimilada ao mecanismo de foraclusão que ocorre na psicose.

É notável que, ao se falar de um tipo de exclusão na neurose e um outro tipo na psicose, faz-se alusão aos mecanismos próprios de defesa de cada estrutura, que são respectivamente: o recalque e a foraclusão. Ou seja, seria possível, a partir disso, dizer que a forma com que o psiquismo lida com a dor frente à castração, no processo de vivência do luto constitutivo do sujeito, irá caracterizar a estrutura psíquica baseada na defesa utilizada?

O que se pode dizer é que os afetos de amor e dor têm uma alta intensidade na vivência da castração, no complexo de Édipo, no qual se sobressai o confronto com a perda do “falo”. Sabe-se que, nesse caso, poderá haver ou não elaboração psíquica, e é na especificidade dos mecanismos de defesa do ego, diante de tais afetos, que se pode ter um maior esclarecimento de como se constitui uma organização psíquica. Dentre elas, tem-se a forma mais radical de negar a castração, a forma mais radical de negar a perda, pela foraclusão. Por isso, será favorável um esclarecimento de como ocorre uma organização psíquica no complexo de Édipo, dando ênfase a uma particularidade que se busca nesse trabalho, a de saber como se estrutura a psicose.

A Psicose no Complexo de Édipo: Uma Ausência da Metáfora Paterna

O momento crucial das reações de amor e dor serão vividas no complexo de Édipo, uma situação em que pode ou não ser bem sucedida a *metáfora paterna*. Esta é uma operação de auge na organização psíquica, de modo que, ao tomarmos conhecimento de sua função, poderemos chegar a um relevante esclarecimento sobre a constituição da psicose.

Miller (2017) lembra que a metáfora paterna se sobressai no momento do complexo de Édipo como um processo que, pelo recalque, substitui uma satisfação pulsional total por uma parcial, através de uma das formações do inconsciente. Portanto, estudar a metáfora paterna nos permite entrar em contato com um entendimento ainda maior dos modos de satisfação do ser humano, além de nos apropriarmos do assunto sobre a capacidade de haver elaboração psíquica da perda do falo.

Uma explanação da teoria do complexo de Édipo torna-se necessária, buscando descrever as possibilidades de defesas utilizadas pelo eu do sujeito, na tentativa de dar conta da carga de excitação libidinal interna. Conforme veremos, essa carga, no complexo de Édipo, surge do luto do falo vivido na experiência da castração. Como já foi dito, o que estamos buscando com isso é abrir um espaço possível de compreensão para a formação de uma determinada organização psíquica, principalmente, daquela que é o objetivo dessa dissertação: a estrutura psicótica.

Primeiramente será circunscrita a definição do que se chama complexo de Édipo, apontando suas principais características e, simultaneamente, já discutindo a entrada da lei do pai e suas possíveis implicações, como uma abertura para a criação de um sentido compartilhado culturalmente. Em seguida, será ressaltada a noção de estrutura psíquica, como um suporte necessário que leva a uma apreensão do que se entende, nessa sequência, por psicose.

A Metáfora Paterna e Suas Implicações no Complexo de Édipo

A relação entre a criança e seus pais não está ausente de excitações sexuais, é o que Freud (1909-1910/1970) ensina nas suas *Cinco Lições de Psicanálise*. Ele diz que a criança toma seus pais como objeto de seu desejo e que o estímulo vem desses próprios pais. Nesse texto, é visto que, na relação que há entre a criança e seus pais, irão surgir tanto sentimentos de ternura como de hostilidade na criança. Falando de maneira geral, no menino visa-se ocupar o lugar do pai e na menina o lugar da mãe. Esse drama do desejo infantil acaba tendo semelhanças com o mito do rei Édipo, por ser essa uma história dramática do destino de um sujeito: matar o pai e tomar a sua mãe como esposa. Devido a isso, esse mito é posto pela psicanálise como algo paradigmático ao que acontece na criança.

O *complexo de Édipo* é uma concepção freudiana da existência de um conflito inconsciente, entre: o erotismo que há devido ao desejo da criança pelo genitor do sexo oposto, e a proibição vivida com ódio, pelo genitor rival do mesmo sexo (Freud, 1910/1970).

Conforme Souza (1991), o Édipo é um aglomerado de sentimentos de amor e ódio que a criança irá viver em relação a seus pais. Na concepção de Lacan (1957-1958/1999), isso é a base para as relações que o ser humano vem a ter com a cultura.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Nasio (2007b) irá considerar o Édipo como um drama vivido pelas crianças com seus pais, em que, a partir dos cuidados e carícias entre eles, surgem desejos incestuosos que precisam de limites para uma possível vida em sociedade. O autor marca esse momento como uma luta que será travada, entre: as forças que apontam para o incesto, vindas do desejo, e as forças opostas a estes, vindas da civilização.

Antes de darmos continuidade ao que se entende por Édipo, já que foi citado bastante o termo *desejo*, lembramos, desde já, sua relação com a libido, com essa energia de caráter

sexual que foi colocada como centro no desenvolvimento do capítulo anterior. No *Seminário 6 – O Desejo e Sua Interpretação*, Lacan (1958-1959/2016), além de dizer que a libido “não é outra coisa além da energia psíquica do desejo”, ainda completa afirmando que “a teoria analítica repousa por inteiro na noção de libido, na energia do desejo” (p.12). Pensar o desejo a partir do que já conhecemos sobre a libido facilitará uma discussão da psicose à luz do complexo de Édipo, e Jacques Lacan, ao discorrer sobre os 3 tempos desse complexo, possibilitou uma maior apreensão.

O complexo de Édipo é concebido, na teoria lacaniana, como um processo que ocorre em três tempos: o primeiro consiste em um estado dual entre mãe e filho, um estado fusional; o segundo caracteriza-se tanto pela entrada em cena de um terceiro (o pai) quanto pela entrada da criança no simbólico; e o terceiro é marcado pela identificação da criança com o pai e a ocorrência do declínio do Édipo (Garcia-Roza, 1997).

Segundo o ensino de Dor (2003), no primeiro momento, não existe o reconhecimento de um terceiro nessa relação dual, entre a pessoa que exerce o papel de mãe e seu filho. A criança se identifica com aquilo que a mãe deseja, sendo o próprio objeto de desejo deste Outro⁷. O segundo tempo é marcado na criança pelo surgimento da questão de “ser ou não ser” o que a mãe deseja, um terceiro coloca em questão este lugar tão valorizado, e aparece na relação destituindo a criança de ser tudo o que a mãe antes buscava, barrando também esta em seu gozo. A mãe de alguma forma demonstra para a criança que existem coisas além dela, que ela (a mãe) almeja, mostrando que a criança não a satisfaz por completo.

O que vai caracterizar o terceiro tempo é a transformação da questão de “ser ou não ser” o que a mãe deseja para “ter ou não ter” aquilo que a mãe deseja. Agora, não há mais

⁷ Na definição de Roudinesco e Plon (1998), o “Outro” é um termo lacaniano usado para se referir a um lugar simbólico. Entendemos isso como sendo: o inconsciente, a linguagem, quem exerce a função de mãe e até a cultura.

uma rivalidade com aquele terceiro da relação, pois este será uma referência ao que se busca, ou seja, o falo (Dor, 2003).

No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1999) definiu o falo como a metáfora do desejo materno, como o significante que remete ao desejo de quem ocupa o lugar materno. Ele diz que na questão do ser ou não ser o falo existe simultaneamente atividade e passividade, pois apesar da criança ser ativa na escolha de sua posição de querer ou não ser o falo, é a ela atribuída, pelos pais, a posição passiva do falo. Desde antes mesmo do nascimento da criança, os pais já falam do filho colocando-o em uma posição passiva de ser o falo⁸.

Um destaque das obras freudiana e lacaniana, realizado por Garcia-Roza (1997), é de que na psicanálise todo ser humano é marcado por uma falta, chegando a ser chamado de ser faltante, marca essa que anuncia uma incompletude inerente de todo ser humano. E é dado o nome de “falo” a tudo que vem a nível imaginário preencher essa falta, ou seja, o falo é o representante da falta fundamental do sujeito. É então, no complexo de Édipo que a criança se identifica, de início, como o objeto de desejo da mãe, ele aqui é visto como o complemento da falta da mãe, ou seja, o falo da mãe. Somente com a castração, com a entrada da metáfora paterna (a função de um terceiro chamada de *nome-do-pai*) é que a criança deixa de ser o falo da mãe, o objeto que lhe completa a falta, para, dessa forma, desejar ter um falo como complemento de sua própria falta.

No *Seminário 4 - A Relação de Objeto*, Lacan (1956-1957/1995) concebe que há uma decepção fundamental da criança com a entrada em jogo da função paterna, e que, nesse momento, a criança reconhece que não é o objeto único da mãe. Em um segundo momento, a

⁸ Nas palavras de Nasio (2007b), o falo é definido como uma representação psíquica que se cria do pênis, é tudo aquilo em que se coloca, como constitutivo, um alto valor afetivo; é, ainda, aquilo a que se está ligado por uma relação de dependência levando a uma sensação de potência.

criança percebe que a mãe é justamente privada do falo, ocorrendo, deste modo, na criança, uma dupla decepção imaginária: um reconhecimento de que ela (a criança) não é o falo, e de que à mãe falta o falo. Isso será um momento bastante decisivo para o sujeito: o de perceber que falta o falo à mãe e de que esta é um ser desejante.

Contudo, no *Seminário 6 – O Desejo e Sua Interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) irá chamar a atenção para a cena de que a criança, diante dessa decepção imaginária, vai querer manter a todo custo o falo da mãe, recusando-se a aceitar esse Outro como castrado.

Em síntese, no complexo de Édipo, para Lacan (1956-1957/1995), inicialmente, o pai é velado (não é reconhecido), e à criança é atribuído o lugar de satisfazer o desejo da mãe, o que leva aquela a identificar-se com o objeto de satisfação desta. Seguindo a ideia do autor, num momento posterior, o pai se afirmará de modo não velado, como privador dessa mãe e desvinculará a criança de sua identificação fálica, remetendo a mãe a uma lei que não é dela. É dessa forma passada para a criança a ideia de que o objeto de desejo é o pai que possui.

Lacan (1957-1958/1999) traz que, para o pai se afirmar, para que seja possível haver um corte da relação dual entre mãe e filho, será preciso existir, por parte do discurso da mãe, um reconhecimento desse terceiro, um discurso que aponte para essa possibilidade. O autor diz: “O essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal” (p.197).

Essa separação da relação imaginária vivida entre mãe e filho, essa dissociação do vínculo simbiótico, antes existente entre dois, pelo reconhecimento de um terceiro, Nasio (1997) associa à *castração*. Ele atribui ao conceito de castração uma experiência psíquica, inconscientemente vivida pela criança em torno dos seus cinco anos de idade, no qual a criança percebe a existência de seres possuidores do falo e de outros que foram castrados, através da diferença dos sexos.

Conforme Lacan (1956-1957/1995), o conceito de castração em Freud foi posto numa posição de destaque no complexo de Édipo, como um elemento essencial de toda a evolução da sexualidade. Lacan (1998) diz que “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da lei do desejo” (p. 827), apontando, ainda, que “o desejo é uma defesa, proibição de ultrapassar um limite no gozo” (p.825).

Ou seja, a mãe, ao transmitir em seu discurso que deseja algo que não tem, acaba barrando um excesso de gozo, possibilitando à criança ter recursos psíquicos, que, de certa maneira, elaboram a falta e substituem o excesso de satisfação plena por uma satisfação parcial em um sintoma. O desejo da mãe percebido pela criança funciona como uma defesa bastante eficaz contra o gozo, desde que esse desejo não seja aprisionador da criança no lugar de falo.

Nasio (1997) reconhece a castração como uma prova a ser atravessada e superada por toda criança, como uma aceitação dos limites impostos pelo próprio corpo em relação a um gozo desmedido, devido ao intenso desejo sexual que ela tem, nesse momento, em relação a sua mãe.

É ao fim do Édipo, passando pelos três tempos, que acaba a forma infantil de amar, essa forma de amar que não aceita outras formas de relacionamento que não seja a exclusiva a dois, a de mãe e filho. Ocorre então um rompimento da expectativa de ser tudo para o objeto de amor, percebendo a destruição da relação dual a partir da entrada de um terceiro. Passa a existir aí, a dimensão da exclusão, do estar fora de uma relação que antes se tinha como exclusiva (Cintra & Figueredo, 2004).

É na passagem do Édipo que irá ocorrer o desligamento dessa tentativa de satisfação de um prazer incestuoso, e, deste modo, uma aceitação da lei do pai, entendida como o interdito do incesto (Dolto, 1983).

A ideia de Souza (1991) é que o representante paterno, como função, é uma ferramenta da operação chamada *metáfora paterna*, ele é o suporte que fará, através de uma lei, a criança experienciar o que foi chamado de castração. Logo, com a castração, tanto o menino quanto a menina abandonam a pessoa que representa a mãe, indo procurar no representante paterno a pessoa que supostamente tem o objeto desejado, o falo. O menino se identificará com o representante paterno por acreditar que este poderá dizer como ele poderá conseguir ter o falo, já a menina buscará nele o falo, tomando esse representante paterno como seu objeto de amor.

O nome-do-pai como significante é definido como o nome dado a uma expressão simbólica que representa a lei da proibição do incesto (Nasio, 1997). No *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1999) apresenta a metáfora paterna como uma função do pai que barra a pulsão da criança, uma função que proíbe o filho de ter a mãe como objeto de posse, em que o pai passa a ser visto como possuindo o que a mãe deseja.

Garcia-Roza (1997) chama-se a atenção para o fato de que o aparecimento de um terceiro na relação entre a mãe e o bebê não é uma presença em corpo biológico, pois mesmo que uma terceira pessoa pegue o filho e cuide, assim como o representante materno, para a criança só existe ela e um outro, ou seja, neste momento inicial o pai seria uma extensão da mãe. Na perspectiva do autor, a criança não faz neste momento ainda a diferenciação de um e de outro, de modo que a presença do pai, como uma representação diferente da mãe, só ocorre a partir do reconhecimento no discurso materno deste terceiro. É quando ocorre este reconhecimento, que há uma passagem da criança de um Eu Ideal (uma identificação da

criança com o falo) para um Ideal do Eu (o pai vai ser o representante desse ideal com o qual a criança passa a se identificar).

No ensino de Lacan (1956-1957/1995), como foi visto, o que vai ser decisivo para o sujeito é a noção de que falta o falo à mãe, e de que ela é um ser desejante, ser de falta. Para Garcia-Roza (1997), é com o aparecimento do representante do pai no discurso materno, que se produz uma relação a três, é assim que se cria a condição para a experiência da criança como um ser separado da pessoa que representa a mãe. É essa interiorização da lei do pai que possibilita à criança constituir-se como sujeito. Nesse momento de corte com o representante materno, a criança toma consciência de si como sujeito diferenciado, conquistando seu lugar na cultura.

Segundo Mannoni (1983), o significante “pai” é relacionado com uma aceitação ou recusa de uma lei estabelecida no discurso materno, e é em função de acidentes nesse registro, quando o pai não é reconhecido, não fazendo a lei para a mãe, que se encontram as diversas formas de sofrimento psíquico nas crianças.

O Édipo é delimitado por Garcia-Roza (1997) como o momento em que a criança rompe com a relação imaginária que mantinha com a mãe e interioriza a lei, a ordem, ou seja, o simbólico (o que distingue o homem do animal), ingressando assim na cultura. É reconhecendo o pai que nasce o que na sociedade se define como família. Diz Mannoni (1983):

Através da situação familiar, a minha atenção vai, portanto, recair na palavra dos pais e na da mãe em particular – pois, veremos que a posição do pai para a criança vai depender do lugar que ela ocupa no discurso materno. E isso tem importância para a maneira como a criança vai poder, desde então, resolver corretamente ou não o seu Édipo, chegar ou não a processos bem-sucedidos de sublimação. (p.70)

Dolto (1983) diz que quando a lei que rege a paternidade e as relações familiares não é adquirida pela criança, há de se deflagrar a presença de uma falta de significados em suas emoções e seus comportamentos. Portanto, a autora conclui que, em uma situação como essa, a criança estaria condenada à desordem e ao fracasso do que se tem como ideal para se inserir em um meio social.

Assim, o Édipo marca a passagem de uma cena de completude imaginária de ser um objeto fálico ao simbólico do desejar ter um falo que falta, demarcando a divisão do psiquismo em: sistema consciente/pré consciente e sistema inconsciente (Garcia-Roza, 1997). O que se quer dizer é que, neste período, a criança abandona ser um *objeto de desejo* para se posicionar como um sujeito em falta, como um *sujeito de desejo* (Dor, 2003).

É nesse momento da constituição da identidade da criança, que surge o *supereu*, ou seja, o que se produz da experiência vivida pela criança em torno dos cinco anos (Nasio, 1997). Roth (2005) diz que o supereu é o nome escolhido por Freud à voz das regras e limites internalizados pela criança. Conforme a criança vai introjetando essas regras impostas tanto pelos pais quanto pela sociedade, barrando seus impulsos de satisfação direta e imediata, torna possível sua existência na sociedade. Segundo o autor, sem o supereu não seria possível a existência da civilização, então é sensato afirmar que falar em sociedade é falar do nascimento do supereu.

No complexo de Édipo, na constituição do supereu, é que se constituem as estruturas psíquicas. É a partir da relação que o sujeito mantém com a função paterna que se desenvolve uma certa organização psíquica e não outra (Dor, 1994).

A estrutura psíquica é um importante fator na orientação da clínica psicanalítica, por permitir ao analista se posicionar de uma forma específica em relação às intervenções com

seu paciente. A estrutura de um sujeito é definida a partir do modo como se dá à economia do desejo (Dor, 1994).

A estrutura psíquica é a posição em que o sujeito irá se colocar diante do desejo do Outro, é o modo como cada um se coloca diante da falta (Meira, 2004). Dor (1994) aponta que as estruturas psíquicas dos sujeitos podem ser divididas em três tipos: neurótica, perversa e psicótica. Mas como cada uma estaria ligada ao Édipo? E quais seriam as peculiaridades que diferenciam uma das outras?

Dor (1994) realiza uma bela explicação sobre o assunto. A estrutura psicótica se localiza no primeiro tempo do Édipo, onde não existe a lei do pai, onde não existe a simbolização da falta e onde não há o questionamento do real da diferença dos sexos. A estrutura perversa é pensada no segundo momento do Édipo, onde apesar de existir a entrada de um terceiro na relação dual, e ser vivida a castração dentro dessa estrutura, o sujeito recusa o fato de a mãe não ter o falo, aqui não há a simbolização da falta no Outro. Já no terceiro tempo, onde está localizada a neurose, existe a simbolização da falta no Outro, tendo aí o reconhecimento da diferença dos sexos.

Em resumo, pode-se dizer que, na estrutura neurótica o sujeito é submetido à castração, na estrutura perversa o sujeito sabe da existência da castração, porém a nega sem submeter-se, e na estrutura psicótica o sujeito desconhece a castração, pois ele a rejeita sem deixar vestígios (Meira, 2004).

Para Quinet (2007), a implicação disso é que existem três modos de negar a castração: o primeiro é pela neurose, através do recalque que nega conservando o elemento fálico no inconsciente; o segundo é pela perversão que a nega conservando o elemento fálico por meio do fetiche; e o último é a psicose que nega sem deixar traço algum, conforme veremos a seguir.

A Psicose e Suas Peculiaridades Constitutivas

O termo *Psicose*, segundo Roudinesco e Plon (1998), foi empregado em 1845 como um substituto do vocábulo “loucura”, para só em 1894 ser utilizado na obra freudiana como uma reconstrução inconsciente de uma realidade alucinatória ou delirante. Os autores dizem que a psicose passa a se inscrever posteriormente na psicanálise como uma estrutura diferente da neurose e da perversão.

Segundo Souza (1991), a palavra “psicose” foi inicialmente empregada por Von Feuchtersleben para significar a doença mental, e se, na época, era um termo médico para designar o que se entendia por “Loucura Alienada”, em Freud, é associada a um modo específico de defesa, o que o faz acreditar ser o principal aspecto para diferenciá-la de uma neurose. Para a autora, quando a defesa falha em abolir algo intolerável, tem-se a neurose, já quando é radicalmente bem-sucedida, abolindo completamente algo intolerável ao psiquismo, surge a psicose.

Ressaltamos que, para fins do objetivo desse capítulo, tomaremos a estrutura da neurose como uma referência para diferenciar e se definir melhor a psicose. A neurose aqui será um recurso suficiente, por isso, não será necessário colocarmos em pauta outra estrutura psíquica, como a perversão. Ao tratarmos da psicose, consideramos também necessário alertar o leitor de que: alguns autores a descrevem baseados na estrutura clínica, enquanto outros na sua fase de surto.

Na psicanálise, a psicose é vista sob uma nova ótica, deixa de ser uma nomeação médica que designa um conjunto descritivo de sintomas em um transtorno, para ser valorizada e acolhida como uma forma do ser humano se manifestar e se estruturar. A teoria freudiana a apresenta como um modo de funcionamento do psiquismo, baseando-se no conceito de defesa para explicá-la.

Pensando nisso, Freud (1892-1899/1950/1977) descreve no *Rascunho H* a paranoia, que é uma psicose. Nesse texto, a define como um modo de defesa extrema diante de coisas que o sujeito não consegue tolerar, ocorrendo em tais casos um abuso do mecanismo de projeção, justamente ao rechaçar ideias incompatíveis com o ego.

Além do tipo de defesa que marca a diferença entre a neurose e a psicose, Freud (1923-1924/1976) pontua que, enquanto na primeira ocorre um conflito entre o ego e o id, na última, há um conflito entre o ego e o mundo externo. Ele chega a hipotetizar que a psicose ocorre devido a uma tentativa de remendar a fenda que surge de uma frustração intolerável de um desejo, intolerável a ponto de construir uma nova realidade. É interessante lembrar que no texto *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, é visto que, enquanto na neurose existe uma predominância da influência da realidade, na psicose o que predomina é o id (Freud, 1924/1976).

Isso é esclarecido quando Freud (1915b/1974) considera, no texto *O Inconsciente*, que na psicose não há um controle do sistema consciente (Cs.) sobre a afetividade, algo que ocorre na atividade mental “normal”. É que, na verdade, na psicose, o que existe é uma predominância do sistema inconsciente sobre o sistema pré-consciente/consciente (Freud, 1900-1901/1972).

Surge então com isso uma problemática para a cultura, pois o não controle por parte do sistema pré-consciente/consciente, em suas diversas manifestações pulsionais, torna o mundo uma desordem. É como se houvesse uma volta ou uma fixação a um estágio anterior do desenvolvimento mental da civilização, uma época em que se supunha não existir nenhuma lei, lei esta que regula a busca por uma satisfação desenfreada e sem limites. Pensar em um mundo onde não existe essa lei, em que as satisfações são buscadas de forma ilimitada, já é pensar o mundo sem civilização.

Conforme afirma Rodrigues (2001), no movimento de entrada na cultura, como foi apontado anteriormente, a lei do pai organiza justamente o mundo caótico das pulsões, atribuindo uma possibilidade de representação e uma significação fálica. Entretanto, é em nome do gozo, dessa satisfação sem limites e sem representatividade, que o psicótico permanece como falo-objeto, não tendo recursos para advir como um sujeito de desejo ao manter uma relação de alienação radical, não estabelecendo uma separação do Outro. A psicose é aí definida como uma falha no processo de constituição do sujeito. É importante também considerarmos, ao recordarmos a importância da função do Outro, sua capacidade de influenciar a criança a permanecer na posição de ser o falo. O Outro pode dificultar a possibilidade de uma separação.

Quinet (2006) profere que todo sujeito se depara com a castração, o que ocorre é que, primeiramente, será vivida a realidade de que há uma falta no Outro, realidade na qual a criança constata a ausência de um pênis na mãe. Em seguida, vai haver uma ressignificação desse momento por uma operação simbólica, criando-se uma significação para isso, chamada significação fálica. Para o autor, enquanto essa operação é característica da neurose, na psicose o que é vivido é apenas aquele primeiro momento, o da confrontação real com a castração no Outro. Em síntese, na psicose há a confrontação da castração no Outro, mas não existirá uma ressignificação sobre esse acontecimento.

Recorda-se aqui, conforme vimos acerca da constituição do sujeito, que nessa constatação da falta no Outro, a criança sente-se impelida, por ser atribuído a ela, a vir a se colocar como objeto para tamponar tal furo, e isso é feito identificando-se com o que o Outro deseja. Essa cena de uma satisfação sem limites pode ser chamada de uma *cena de gozo*, cena em que o sujeito é o objeto de desejo do Outro. Isso nada mais é do que aquele primeiro momento vivido, imaginariamente, no período do complexo de Édipo. De um ponto de vista

econômico, segundo Melman (1991), impõe-se ao psicótico um gozo sem fim, e ele deste não se desfaz.

Para Quinet (2006), a estrutura subjetiva ocorre a partir desse *incidente primário*, uma cena de gozo que mais tarde pode ou não ser recriminada. Ele parte de dois significantes para explicar a estruturação subjetiva: o *significante de gozo*, que representa o incidente primário e torna-se o significante traumático, e o *significante da lei*, que surge mais tarde representando uma recriminação dessa cena anterior de gozo, que é chamado de *nome-do-pai*.

O significante da lei, em sua recriminação à cena de gozo, abre um campo de possibilidade para a produção de sentido. Ou, de outro modo, é o significante da lei em sua relação com o significante de gozo, que gera a passagem do imaginário para o simbólico, mundo este que compartilha culturalmente a lei de proibição do incesto. É aí que surge a passagem de uma satisfação plena para uma mais moderada, através de substitutos.

Na concepção de Lacan (1957-1958/1999), a psicose é uma falta do significante do nome-do-pai, desse significante da lei que representa o pai simbólico, o que promulga a lei da proibição da mãe, frustrando essa criança de ter a mãe só para si. Então, o autor traz que é por não haver o nome-do-pai que a simbolização do desejo do Outro (da mãe) fica inviável, e a psicose acaba por servir para suprir essa ausência do significante do desejo do Outro.

Nesse entendimento, Rodrigues (2001) define o mecanismo psicótico como uma exclusão radical da representação simbólica da lei da interdição do incesto, uma defesa brusca contra a castração. Laplanche e Pontalis (2000) o denominam de uma *rejeição radical*, que na teoria lacaniana, é a *forclusão*.

Isso é posto em destaque devido ao fato de ter sido encontrado, com admiração, no *Seminário 6 – O Desejo e Sua Interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) fazendo uma articulação entre a existência de um temor devido ao desaparecimento do desejo no sujeito

neurótico e uma *foraclusão parcial* do complexo de castração. Ou seja, para ele, na neurose existe algo que não foi articulado do complexo de castração. O grifo observado nesse texto está em ser apontado que, na neurose existe loucura, mesmo que de forma parcial. O que se revela é que pode existir na neurose algo que não ficou tão bem articulado na passagem do Édipo, e isso não se confunde, de forma alguma, com a situação em que nada foi articulado do Édipo, como ocorre na psicose.

Retomando o que falávamos sobre a possibilidade de uma significação da cena de gozo, de uma significação fálica, acentua-se que esta só poderá ser evocada pela metáfora paterna. Vimos que um acidente nesse registro, em que o nome-do-pai não vem a ocupar o lugar do Outro, é o principal mecanismo que diferencia a psicose de uma neurose (Lacan, 1998).

Na perspectiva de Quinet (2006), enquanto na neurose o significante de gozo e o significante da lei são recalcados, na psicose o processo é diferente. Na *psicose esquizofrênica*, por exemplo, há a *foraclusão* do significante da lei e uma dispersão do significante de gozo. Já na *psicose paranoica*, apesar de também ocorrer *foraclusão* do significante da lei, irá ocorrer uma retenção do significante de gozo. Ou seja, dependendo do destino dado a esses dois significantes, colocados aqui como essenciais, irão surgir diferentes tipos de psicose.

De toda forma, seja qual for o tipo de psicose, o foco aqui é falar de sua estrutura, que, de uma maneira geral, é constituída a partir de uma não realização da função paterna, de modo que, pelo fato de o Édipo ter sido fixado no primeiro tempo, o sujeito vem a ficar com uma falha na capacidade de entrar no jogo dos significantes. O que precisamos saber é que, independentemente do tipo de psicose, ela é uma estrutura constituída pelo não estabelecimento de pontos de ligação entre o significante e o significado, um afrouxamento

que ocorre entre o significante e o significado, isso sublinhamos com relação ao significante da lei e a uma significação fálica (Lacan, 1955-1956/1988). Devido a não relação que o significante da lei tem com o significante de gozo na constituição, na psicose fica inviável haver um ponto que amarre o significante a uma significação, abrindo deste modo espaço para uma perda da realidade. Lacan (1998) trata a psicose como “uma desordem provocada na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (p.565).

O que é relevante entender é que o processo de constituição do sujeito pode ter duas vias: uma pela *Bejahung*⁹ (afirmação) e outra pela *Verwerfung*¹⁰ (rejeição), podendo acontecer que algo de primordial ao ser do sujeito não entre na simbolização, sendo rejeitada (Lacan, 1988). É possível dizer que, em Lacan (1998), a *Verwerfung* é nada mais que uma ausência de *Bejahung*, é um buraco na capacidade de se ter uma significação gerada pela ausência do efeito de metáfora. Na psicose, a relação do sujeito com o significante é pela via da não simbolização, na qual se deixa um buraco (Lacan, 1988).

Na abertura do *Seminário 5*, Lacan (1957-1958/1999) relembra que no *Seminário 3* fundamentou a psicose a partir de uma carência do significante primordial, havendo uma suplência do simbólico pelo imaginário. O que se vê em Lacan (1955-1956/1988) é que, enquanto na neurose o recalado reaparece no simbólico de forma disfarçada, na psicose o rejeitado reaparece no imaginário, sem máscaras. Ou seja, tanto a neurose quanto a psicose são testemunhos da existência do inconsciente, porém, enquanto o primeiro trata de um testemunho encoberto a se decifrar, o último trata de um testemunho aberto.

⁹ O termo alemão *Bejahung* é, segundo Brodsky (2011), um dizer “sim” ao nome-do-pai, uma aceitação que abre para a possibilidade de dois mecanismos: o recalque e o desmentido.

¹⁰ Já o termo alemão *Verwerfung* é, conforme Brodsky (2011), um dizer “não” ao nome-do-pai, uma não aceitação por forclusão.

Não se pode deixar de destacar que no mecanismo de defesa da psicose há consequências severas. Freud, citado por Lacan (1955-1956/1988), diz que: “alguma coisa que foi rejeitada no interior reaparece no exterior” (p.100). Essa ideia é reformulada, e Lacan, no *Seminário 3*, escreve: “o que é recusado na ordem simbólica ressurgue no real” (p.22), ou de outra forma, “tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido de *Verwerfung*, reaparece no real” (p.22). Nas próprias palavras de Freud (1924/1976): “provavelmente na psicose o fragmento de realidade rejeitado constantemente se impõe à mente, tal como o instinto reprimido o faz na neurose” (p.232).

Sobre isso, Nasio (2011) compreende que um acontecimento intolerável que foi rejeitado reaparece pelos sentidos, de modo que o que não se tornou representação em ideia passa a ser vivido em sensações. Para ele, a forclusão cria um buraco mental e o eu desesperado tenta corrigir a fenda deixada aberta com um delírio, uma alucinação ou uma despersonalização.

Lacan (1955-1956/1988) deixa rastros no *Seminário 3* sobre o que designa de *Real*, relacionando-o ao que não pode ser nomeado nem representado em ideias pelo psiquismo, sendo apenas vivido pela percepção. O termo Real é articulado por ele a uma repetição de um acontecimento que não passou por uma elaboração psíquica.

É importante lembrar aqui, que na psicose não ocorre uma elaboração psíquica da falta no Outro. Dessa forma, não irá existir nessa estrutura clínica, uma significação desse acontecimento. Isso é o mesmo que afirmar que não houve um trabalho de luto do falo.

Na falta de um significante que gere significação de um saber sobre o desejo do Outro, o psicótico acabar por ficar em uma situação de desamparo diante desse enigma, e como ele irá lidar com isso? Amenizando esse estado ao preço do delírio. É nessa tentativa de

buscar uma outra significação, pela incapacidade de ter tido a significação fálica, que surge a significação delirante (Souza, 1991).

Na visão de Souza (1991), o delírio acaba sendo uma nova forma de significação, chamado aqui de *metáfora delirante*, pois funciona como um terceiro entre o eu e o Outro, evitando deste modo as vivências alucinatórias que levam o eu à posição de objeto da demanda indeterminada desse Outro. Funda-se com isso, na convicção da autora, um tipo de filiação original que implica um elo com o pai, lembrando que esta referência é estabelecida no registro do real. A metáfora delirante vai criar um novo mundo para o psicótico, permitindo vivê-lo sem necessariamente senti-lo como bastante hostil.

O delírio, a alucinação e a despersonalização são fenômenos aos quais o psicótico se apegam, pois eles buscam tamponar uma fenda deixada aberta pela impossibilidade de significação da falta no Outro. Esses fenômenos sintomáticos são maneiras particulares de buscar uma significação.

Segundo Lacan (1955-1956/1988), o sujeito citado como “normal” é aquele que pode estar cercado de todas as espécies de realidades, nas quais algumas podem até ser ameaçadoras, mas não são levadas a sério como uma certeza. A certeza é comentada por ele como um dos aspectos mais raros nesses sujeitos, posto que o que se sobressai, nestes casos, é a incerteza. Já na psicose, o que ocorre é uma certeza radical, uma crença delirante que apresenta aspectos inabaláveis. Freud (1892-1899/1950/1977) diz que “Em todos os casos a ideia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra ideia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas. É esse o segredo” (p.289).

Outro assunto que se faz pertinente no estudo sobre psicose é o de *gozo*. Sobre isso, Lacan (1972-1973/2008) no *Seminário 20* irá apresentar duas formas de manifestação do

gozo: o *Gozo Fálico* e o *Gozo do Outro*. O primeiro corresponde a um tipo de satisfação pulsional parcial, é frequentemente encontrado na neurose através das formações do inconsciente, como o sintoma por exemplo, dentre outros. Já o último, o Gozo do Outro, implica uma satisfação plena, pensado na psicose.

Essas duas formas de gozar poderiam ser remetidas, como semelhantes, às formas de satisfação da pulsão que se encontram citadas no texto *Além do Princípio de Prazer* de Freud (1920/1976)? Pois ele ao postular sobre a busca de satisfação existente no ser humano, frisa: a *pulsão de vida* e a *pulsão de morte*. Apesar desse texto colocar claramente a pulsão de vida e a pulsão de morte como forças conflitivas, é atravessada uma ideia de que essas forças psíquicas andam juntas e se distinguem pela forma de satisfação que visam. Enquanto a pulsão de vida se satisfaz de maneira limitada e indireta, a pulsão de morte busca uma satisfação ilimitada e direta. A partir dessa linha de raciocínio, deixa-se uma questão em aberto: o Gozo Fálico pode ser remetido como semelhante ao modo de satisfação da pulsão de vida, e o Gozo do Outro à pulsão de morte?

Mas qual o intuito de levantar tal reflexão no que se refere a essas possíveis semelhanças aqui? Apontar que enquanto a neurose está diante de uma predominância de satisfação parcial, algo que é mais controlado e indireto, encontrado na pulsão de vida, característico de um Gozo fálico, na psicose é diferente. A psicose está enviscada predominantemente por uma pulsão de morte, visando uma satisfação direta e imediata, e isso é o mesmo que falar de uma destruição do sujeito ao ser objeto do Gozo do Outro.

Souza (1991) diz que a posição em que o psicótico se encontra é essa de objeto do Gozo do Outro, e como não existe uma barreira como o significante do nome-do-pai, para servir de obstáculo ao gozo excessivo e ilimitado, o psicótico fica mergulhado diante de uma excessiva presença onde não há distância em relação ao Outro. Dentro desse campo que é ser

objeto do Outro, próprio da psicose, Laurent (2014) traz a paranoia como um exemplo claro do gozo no Outro.

Nesta, na paranoia, é relevante aqui anunciar a existência de três formas de o sujeito estar como objeto do Outro: 1) no *delírio de perseguição*, em que é o objeto perseguido; 2) na *erotomania*, em que é o objeto amado; 3) no *delírio de ciúme*, em que é o objeto traído (Quinet, 2006).

Conforme Souza (1991), o delírio é uma possibilidade de fuga que o psicótico instaura para escapar da dolorosa exposição de ficar na posição de resto decaído, lugar de objeto real do gozo do Outro. Ela ainda abre uma outra possibilidade, dizendo:

Outro recurso de plena eficiência quando se trata de proteger-se contra a invasão desagregadora do Outro e seu gozo é fechar o corpo, juntar o eu, através da dor. Os males do corpo, a dor, diz Freud na ‘Introdução ao Narcisismo’, são capazes de tornar o amante indiferente, quer aos prazeres, quer aos sofrimentos da alma e elevar o eu à dignidade de único objeto amado. Assim é que se pode pensar certos auto-ataques em pacientes esquizofrênicos como modos de barrar, limitar pela dor o gozo do Outro, o gozo turvo e difuso cuja intrusão experimentam no corpo. (p.76)

De acordo com Quinet (2006), as manifestações patológicas na psicose são formas de tentar restabelecer o vínculo com os outros (com os objetos), são movimentos visando o laço social. Porém, conforme Melman (1991), o processo que abre espaço para o laço social é o nome-do-pai, algo que vimos como precário na psicose. Por isso, é de extremo interesse pensar como a psicose se situa no laço social. Toma-se aqui como princípio que o laço social é estabelecido por uma condição de renúncia pulsional total, isso no estabelecimento do processo civilizatório das formas de se relacionar.

Quinet (2006) explora muito bem esse tema, e uma síntese do seu pensamento é na sequência relevante. No escrito freudiano, *O Mal-Estar na Civilização*, são delimitadas quatro formas de as pessoas se relacionarem: *governar, educar, psicanalisar e fazer desejar*. Esses laços sociais, por serem estruturados pela linguagem, em uma releitura lacaniana, sobressaem-se como tipos de discurso: 1) o “governar” é nomeado de *discurso do mestre*, em que o poder domina; 2) o “educar” corresponde ao *discurso universitário*, o saber domina; 3) o “analisar” constitui o *discurso do analista*, no qual o analista se apaga como sujeito para ser apenas causa libidinal; 4) o “fazer desejar” estabelece o *discurso da histérica*, provocando o desejo e a produção de um saber.

Mas o que o tema sobre os discursos tem a ver com o que se vem elaborando sobre a psicose? É que a psicose é um investimento em si mesmo gerando um isolamento no que se refere a vínculos com os objetos externos, ela está fora dos laços estabelecidos pela sociedade, existindo aí uma exclusão do discurso como laço social, que faz o pensamento lacaniano relatar a psicose como um “fora-do-discurso” (Quinet, 2006).

Entretanto, apesar da psicose estar fora dos discursos citados, tem-se que alertar para o fato de sua capacidade em criar um laço próprio. Esse laço é o que permite muitas pessoas terem uma estrutura psicótica e não estarem em fase de surto. Aqui entende-se que essa invenção própria da psicose é um meio de buscar uma significação que não se teve compartilhada do Édipo. Em síntese, o que permite estar dentro dos discursos sociais citados é o compartilhar da significação fálica, algo que a psicose não tem. Porém, sabemos ser possível existirem outras significações próprias capazes de produzir um efeito de amarração social particular.

Após essa explanação sobre o que é a estrutura da psicose, com todos seus embaraços proporcionados por uma forma de defesa radical e sua tentativa de laço social, e também já

delimitado o movimento libidinal nos fenômenos do amor e da dor na constituição do sujeito, torna-se agora viável ir diretamente ao ponto central dessa investigação, que é refletir sobre o amor e a dor na organização psicótica.

O Amor e a Dor na Psicose

No primeiro tópico, realizamos uma discussão de como se dá o amor e a dor para a psicanálise, tomando como foco de leitura o processo econômico da libido no sistema psíquico, avaliando seus excessos e seus destinos. No segundo tópico, apresentamos algumas proposições de Freud e Lacan no que se refere à constituição do sujeito, dando um maior destaque para a organização psicótica.

No desenrolar desses tópicos, falamos do amor a partir de três perspectivas: do investimento, da falta e do Outro. Na primeira, destacamos a atividade de investimento libidinal dirigida aos objetos internos e externos; na segunda, sublinhamos a perda como a causa da reação de dor na constituição psíquica; e na terceira, marcamos uma busca incessante do sujeito em ser amado no tentar manter um Outro sempre presente. Agora, já sob a posse desse apanhado teórico, torna-se possível abordar, por uma via mais clara e direta, o lugar que o amor e a dor têm na psicose.

Com essa finalidade, discutiremos o destino da libido na psicose para Freud. Daremos prioridade inicialmente ao ponto de vista do amor como investimento, para em seguida, ampliarmos essa compreensão ao falarmos do amor com relação ao Outro, partindo da concepção de Jacques Lacan. Deste modo, poderemos avançar e pensar no que já foi abordado sobre o amor com relação à falta (sobre o luto do falo na castração), tendo como reação a dor.

O Destino da Libido na Psicose: Uma Posição Passiva do Amor?

Conforme vimos, um investimento libidinal pode ser dirigido a um objeto externo e a um objeto interno, e é isso o que Freud (1914/1974) define como o amor. É importante resgatarmos, aqui, uma ideia que já passamos nos tópicos anteriores, a de que: quando

falamos em *objeto interno* estamos nos referindo às representações dos objetos externos que foram incorporadas ao próprio ego, tornando-se uma parte dele.

Tomamos como proposição que o ego do sujeito é formado por um imenso processo de identificações com os objetos externos com os quais se relaciona. Com essa colocação, inicia-se agora uma explanação teórica de como é o amor na psicose para Freud, no sentido a que nos propusemos priorizar, o do *investimento libidinal*.

A Teoria de Freud Sobre a Libido na Psicose

No livro *A Interpretação de Sonhos*, Freud (1900-1901/1972) apresenta a ideia de como se dá o movimento da libido na psicose, ao assemelhá-la com o processo onírico. Nessa obra, ele volta a atenção para uma maneira primitiva de funcionamento do psiquismo, no qual a energia psíquica de caráter sexual flui na direção de recatexizar a imagem mnemônica da percepção de uma primeira experiência de satisfação, mecanismo este designado por ele de *regressão*.

A libido, nesse caso, tende a fluir em uma direção buscando como alvo essa primeira imagem da experiência de satisfação, algo que pode ser articulado, no que já foi falado anteriormente, sob a designação de *cena de Gozo*. Essa cena pode ser pensada como a de uma relação dual de complementaridade, no qual o Outro valoriza e ama a criança diante do desamparo do nascimento, dando todo o suporte necessário para diminuir suas tensões internas. É em direção a essa cena de satisfação que há uma regressão da libido na psicose.

Roudinesco e Plon (1998) acrescentam que é na reconstrução da realidade que o psicótico investe em si mesmo. Entende-se, aqui, que o investimento de amor em si mesmo é um modo de buscar esse estado primeiro do processo de constituição do sujeito, em que ele é

o próprio objeto do amor. Esse momento, marcado pelo lugar de objeto amado, é o que é visado na psicose, o de manter o lugar de ser amado.

No processo libidinal da psicose, há um desvio de interesse do mundo externo para o ego. Ao se retirar a libido das pessoas e objetos externos, o psicótico não a substitui na fantasia como ocorre no neurótico, ao contrário ela é dirigida para o ego, tal qual ocorre no narcisismo (Freud, 1914/1974).

No texto *O Inconsciente*, Freud (1915b/1974) na seção VII supõe que, na esquizofrenia, o investimento libidinal nos objetos externos é abandonado e refugiam-se no ego, ressaltando o repúdio ao mundo externo e a hipercatexia do próprio ego. Nas suas próprias palavras, e de maneira consistente, ele diz: “a libido que foi retirada não procura um novo objeto e refugia-se no ego; isto é, que aqui as catexias objetais são abandonadas, restabelecendo-se uma primitiva condição de narcisismo” (p. 225).

Chama-se a atenção para o fato de que nesse desinvestimento dos objetos externos e investimento no ego, Freud (1915-1917/1974) em *Luto e Melancolia* irá apresentar uma metapsicologia que explica o possível motivo desse deslocamento da libido. Nesse texto, há uma indicação persistente sobre isso, a partir de um ponto de vista da perda, que é pelo corte de um investimento libidinal a um objeto externo. Em resultado a esse corte, haverá imediatamente uma identificação do ego com esse objeto externo e, portanto, o ego será o próprio objeto externo interiorizado, a ele identificado e julgado como tal.

Ao se pensar sobre esses alvos da libido, há uma excelente observação na teoria de Freud (1914/1974), uma oposição entre “a libido do ego e a libido do objeto”¹¹, sinalizando que, quanto mais uma é investida a outra proporcionalmente se esvazia. Para ele, as situações

¹¹ Entende-se que na obra de Freud (1914/1974), o termo “libido do objeto” é associado a um investimento libidinal de um objeto externo, já o termo “libido do ego” é associado a um investimento dos objetos internos constituintes do ego.

em que o investimento libidinal assume sua mais alta expressão são na paixão e na psicose: enquanto na paixão há um esvaziamento da libido do ego em prol do objeto, na psicose ocorre o contrário, um esvaziamento da libido do objeto visando todo investimento no ego.

Nessa busca de compreender o movimento libidinal na psicose, pode-se notar que o alvo da libido visa o ego por causa de uma identificação deste com a imagem do objeto externo desinvestido, devido a uma separação. Esse investimento interno é justamente uma tentativa de reatualizar a primeira cena da experiência de satisfação diante do desamparo. Uma busca na imagem interna de retomar esse laço de amor que existiu e agora faz parte do próprio ego. Essa cena é o que já citamos como cena de gozo, o de uma imagem que aponta para uma valorização de si mesmo, o de uma relação de ser amado pelo Outro.

Para entender melhor o que está sendo posto, é imprescindível trazer à tona o assunto da constituição psíquica. Pois, a cada separação com os diversos objetos externos com os quais o ser humano se relaciona, revive-se o estado de desamparo do nascimento.

Então, será que o amor pode ser compreendido como uma tentativa de recapturar o que falta, devido às perdas que levaram a uma reatualização do estado de desamparo? Pelo menos é isso que Lacan (1956-1957/1995) vem propor no *Seminário 4*, ao traçar uma linha de raciocínio que articula a existência do amor a partir da falta. Um problema passa a surgir disso, pois como se explicaria o amor na psicose, já que nessa estrutura há uma rejeição da falta? Será que não há amor na psicose, como muito já foi posto em pauta nas discussões psicanalíticas?

O próprio ensino de Lacan (1956-1957/1995), mais especificamente no *Seminário 4*, aponta uma resposta plausível ao retomar Freud como sua principal referência, ao dizer que pode haver no amor um despossuir-se de ser sujeito para preencher a falta do objeto amado. Essa forma de amor parece ser o que ocorre na psicose, por isso torna-se propício entrarmos

em maiores detalhes sobre o assunto, o de refletir como é o amor na psicose na concepção de Jacques Lacan.

A Concepção de Lacan Sobre o Amor na Psicose

É preciso lembrar que no movimento do amor o que é amado é o que está para além do sujeito, é justamente o que não se tem. Pensando agora no amor com relação ao Outro, na pessoa que ocupa o lugar de mãe, existe nesta uma necessidade do que para ela é sentido como falta: o falo. Algo que pode ser atenuado pela satisfação encontrada na relação com uma criança. A criança como real na função de filho vem aí assumir, para essa pessoa, a função simbólica da sua necessidade imaginária (Lacan, 1956-1957/1995).

É na psicose que existe essa tendência a assumir e se fixar na representação do falo para um Outro, existe uma espécie de impulso que leva o psicótico a ocupar a posição feminina¹² (Melman, 1991). Conforme Queiroz (2012), a posição feminina remete a um lugar de ser sem limites. E essa posição não seria justamente o lugar de objeto fálico, de fixação da estrutura psicótica?

O que foi visto anteriormente é que do lado de quem exerce a função materna, o ato de amar já implica uma falta e a possibilidade imaginária de um filho preenchê-la. Nesse lugar, com o valor de ser amado, a criança visa manter esse Outro sempre presente devido às frustrações vividas quando de suas ausências. A criança tenta ser tudo o que falta a esse Outro para garantir sua presença.

Diante da demanda de uma criança que é essencialmente insatisfeita, Lacan (1957-1958/1999) no *Seminário 5* diz que o ser humano tem como solução buscar um Outro só pra si, e a isso ele chama de amor: esse movimento de ter um Outro todo seu. O amor aqui é

¹² O termo “feminino” é entendido nas entrelinhas das ideias de Freud (1914/1974) como uma posição passiva de se relacionar com a libido. Em vez de predominar o investir, predomina o ser investido.

visto, pelo autor, como um efeito de se tentar ser objeto da satisfação da demanda de um Outro.

Ferrari (2009), citando Lacan, diz que o amor na relação com o Outro (lugar da função materna) é definido como uma busca, desde o início da vida até o seu fim, de ter esse Outro todo seu. Porém, a autora diz que apesar de Lacan trazer o amor como uma ação de dar o que não se tem, relacionando com o que falta na relação com o Outro barrado (onde há o significante da falta), na psicose a relação é com um Outro a quem nada falta, um Outro não barrado, imperativo e poderoso que será condição de alienação do sujeito. Deste modo, se na psicose a relação é com um Outro a quem nada falta, fica a criança impossibilitada de se constituir como desejante.

Na ideia de Ferrari (2009), ao se pensar na relação com o Outro, o amor na psicose é diferente daquele da neurose. Na psicose falta o significante da falta no Outro, e assim o amor se dá vindo a ocupar o lugar de objeto do Outro. Logo, se na psicose o que existe é uma posição como objeto de gozo diante do desejo não simbolizado do Outro, vimos que é possível falar do amor na psicose ao se abolir sua condição de sujeito.

Para Muñoz (2010), o amor se localiza do lado do Outro ao se pensar na constituição da psicose. O investimento libidinal amoroso vem de quem exerce a função de mãe, impondo à criança não encontrar um lugar que não seja o de objeto de satisfação materna. Ainda com a autora, Lacan em 1955-1956, ao situar a diferença entre neurose e psicose, coloca a última como aquilo que exhibe a morte do sujeito de desejo.

Siqueira (2015) lembra o ensino de Lacan ao dizer que “o amor na psicose é um amor morto, porque abole a posição subjetiva daquele que é amado” (p.97). Para Lacan, citado por Allouch (2010), é possível uma relação amorosa às custas dessa abolição como sujeito. O

autor explica que esse amor pode ser visto como uma exigência do desaparecimento do sujeito em uma ordem sacrificial nomeado de amor morto.

O interessante aqui é saber que seria incongruente pensar que o psicótico não ama, ou até mesmo que é incapaz de amar. Pois é observado que, enquanto em Freud o psicótico ama a si mesmo, em Lacan é o Outro absoluto que é amado (Allouch, 2010). Isso pode ser entendido que, em Freud, do ponto de vista do amor como investimento libidinal, o amor na psicose é puramente narcísico, toda libido é investida na primeira imagem de satisfação constituinte do ego. Já em Lacan, do ponto de vista do amor em relação ao Outro, o amor na psicose é o tamponar a falta percebida do Outro sendo seu objeto de satisfação, amando dessa forma uma imagem do Outro como completo.

Miller, citado por Ferrari (2009), fala da possibilidade de se pensar esse caráter mortífero do amor quando o sujeito ama a si mesmo ou ama um ideal pelo qual substituiu a realidade do parceiro. O entendimento dele é o de que o psicótico ama o Outro de um modo que só pode ser encontrado em uma ficção delirante.

Conforme delimitamos no primeiro capítulo, pode-se falar do amor na constituição do sujeito a partir de duas posições: a de amante e a de amado (Siqueira, 2015). Na primeira posição, há uma postura ativa de investimento libidinal, uma posição de sujeito do desejo, já a última é uma postura passiva de receber investimento libidinal, indicando um lugar de objeto de desejo de um Outro. É nesta última posição em que se encontra o “ser amado”, posição que predomina na psicose, cujo amor, por estar vinculado fortemente ao ser amado, é automaticamente ligado ao delírio de um Outro na posição de amante.

Conforme Muñoz (2010), Lacan em 1966 coloca que o amor na psicose pode se dar pela erotomania mortificante, um delírio que está ligado à ideia delirante de ser amado por um Outro. Em 1975, propõe a psicose como um fracasso no que concerne ao amor.

Compreende-se esta última frase do autor no sentido de que na psicose não se pode assumir a posição de sujeito do desejo. A partir disso, para que haja um melhor esclarecimento do amor na psicose é interessante delimitar o que vem a ser a erotomania.

Na elaboração freudiana, a questão da erotomania na psicose é posta de forma gramatical, sugerindo que ela deriva da proposição “Eu o amo”, que ao sofrer a influência do mecanismo da projeção a faz vir de fora como uma percepção externa de ser amado. A erotomania nada mais é que uma certeza delirante de ser amado pelo Outro (Bressanelli, 2007).

Para Tyszler (2005a), trata-se de uma convicção de ser amado por um outro que o aprecia como objeto de alto valor. O autor destaca que a erotomania é como um amor que tem a convicção de fazer apenas UM, que remete ao mito da complementariedade (um Outro completo), da unidade perfeita. Tyszler (2005b) acredita que a erotomania é uma tentativa de junção, uma teoria que impele à unificação.

É na medida em que não se é um sujeito de desejo, não obtendo uma satisfação própria e sendo um instrumento de satisfação de um Outro, que poderemos afirmar, nessa situação, com relevante convicção, de que podemos sim falar em amor na psicose.

Após toda a discussão do movimento libidinal que ocorre na psicose, e situado o lugar de predominantemente apassivado diante do amor nessa organização psíquica, pode-se agora avançar e refletir sobre o motivo que faz com que o psicótico se fixe em um investimento na posição de ser amado (posição passiva) em vez da posição de amante (posição ativa). A indagação que se coloca nesse ponto, a partir do que se vem refletindo, é qual seria o motivo do psicótico não abdicar de ser objeto do desejo de um Outro e passar a se constituir como sujeito de desejo. Indagamos, então, o que pode levar um psicótico a

insistir na posição passiva do amor e não assumir de vez uma posição predominantemente ativa.

A teoria psicanalítica mostrou, como discutimos nos tópicos anteriores, que no processo de organização psíquica existem separações amorosas. Dentre estas, inclui-se a operada pela castração propriamente dita, surgindo dor em um de seus momentos de maior expressão, no Édipo, algo que pode não ser fácil no processo de elaboração. Para isso, vimos que são utilizadas defesas específicas na elaboração da dor para ocorrer a passagem da criança de *ser objeto* de um Outro para um *sujeito de desejo*. Assim é que poderá haver uma mudança na predominância da posição de ser amado para a de amante. Somos impelidos, dessa forma, a voltarmos nossa atenção para como a dor se articula na psicose. Acredita-se com isso, que é possível lançar mais alguma luz sobre o motivo da fixação psicótica nessa posição predominantemente apassivada de ser amado.

A Dor na Psicose

A teoria psicanalítica de Freud aponta a psicose como uma tentativa de autorregulação diante de um desequilíbrio interno insuportável. Tomando como ponto básico que a função do psiquismo é manter a homeostase, será dada importância inicialmente a essa tendência de autorregulação para, em seguida, falar-se do fenômeno da dor, retomando o contexto em que esta surge, visando relacioná-la com a psicose.

De acordo com Nuttin (1958), o organismo vivo tende a manter suas propriedades internas em estabilidade, pois esse é um procedimento necessário à sobrevivência. Ele fala que, de forma diferente, o meio externo a este organismo é extremamente variável, de modo que a influência deste sobre aquele acarretará um desequilíbrio, e para manter o organismo

estável em suas condições internas, as regulações podem ser tanto a nível fisiológico quanto a nível psicológico.

Para Cintra e Figueiredo (2004), no momento pré-natal, esse equilíbrio existe como um sentimento de segurança e de um ser indiviso, o que mudará logo após o nascimento devido às insatisfações sentidas, em grande parte, das experiências que serão vividas ao longo da vida. Jerusalinsky (2010) até ressalta “a oposição dor-prazer ligada ao desequilíbrio fisiológico em oposição à homeostase” (p.21) como um dos modelos fisiológicos adotados por Freud para explicar o funcionamento psíquico.

Nota-se que Freud (1895/1950/1977) fala do sistema nervoso atribuindo a este uma tendência a diminuir grandes quantidades de estímulos, chegando à conclusão de que a dor seria uma falha no mecanismo de lidar com o aumento das excitações.

Um aspecto pertinente é o de que modo a psicanálise explica a diminuição da quantidade de estímulo libidinal no aparelho psíquico, e isso vimos que se dá pelos acordos formados com as defesas psíquicas. É pelos mecanismos de defesa que se encontram modos de aplacar a elevada força da excitação libidinal no interior do psiquismo, abrindo a possibilidade daqueles cederem a descargas parciais.

Em *Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920/1976) apresenta a ideia de que, diante de um aumento demasiado de desprazer interno, a mente adota uma maneira específica de lidar com a situação: tende a tratá-las como vindas de fora do aparelho psíquico, sendo esse mecanismo denominado de projeção. No *Rascunho H*, Freud (1892-1899/1950/1977) considera que um abuso desse mecanismo de projeção pode ser encontrado na psicose, mais especificamente na paranoia, definida justamente como um modo radical da defesa diante de coisas que o sujeito não consegue tolerar.

Já que estamos refletindo sobre situações intoleráveis ao psiquismo, situações extremas que estão no limite de um desprazer interno, é considerável apresentar, em síntese, a ideia de Queiroz (2012), por esta discorrer muito bem sobre o assunto da dor. O nosso entendimento sobre o que a autora propõe é que existem duas faces possíveis para a dor: uma dor ligada à pulsão de vida e uma dor ligada à pulsão de morte. A explicação para essa assertiva vem da ideia psicanalítica sobre a existência de duas possíveis pulsões: uma representável e uma não representável. É surpreendente o que passa a ser visto por ela: 1) uma face da dor no limite do desprazer, que entendemos como um estado ainda tolerável ao aparelho psíquico; 2) uma face da dor relacionada a um além do desprazer, algo que rompe o simbólico, nomeado de gozo. O gozo é por ela definido como a parte da pulsão que não foi representada nem domada pelo psiquismo, algo do campo des-simbólico.

Em nossa perspectiva, a primeira face da dor, pensada a partir do limite do desprazer, é algo que diz mais da estrutura neurótica. Essa dor, apesar do alto nível de excitação interna, é uma representação passível de ser articulada a um conjunto de outras representações do psiquismo, podendo ganhar uma significação. Ou seja, passível de ser elaborada psiquicamente. Já a outra face da dor, mais associada a um gozo, é algo que pensamos dizer mais da estrutura psicótica. Essa dor é articulada a uma ausência de elaboração psíquica, devido ao processo de foraclusão. Portanto, a dor na psicose é uma dor situada além do desprazer.

Segundo Zolty (2001), as manifestações psicóticas, como o delírio ou a alucinação, são consequências dessa defesa exagerada do eu diante de um desprazer insuportável, que foi rejeitado. Ocorre que o eu expulsa para fora uma representação investida em demasia, uma ideia inassimilável e intolerável que ameaça sua integridade. Pensando nessa forma específica

de como o eu age diante de tamanha dor, o autor lembra que Freud aponta a psicose como uma doença da defesa.

Sabemos que a organização da psicose se constitui como um modo de autorregulação vivido no complexo de Édipo. Como sublinhado anteriormente, é justamente nesse momento que irá ocorrer um corte da ligação libidinal do sujeito com seu objeto de amor, chamado de complexo de castração. A esse respeito, Cintra e Figueiredo (2013) salientam que: “o complexo de Édipo é realizar uma série de lutos e separações” (p.52).

Conforme vimos, a criança vive na cena de Édipo a dor ligada ao desprazer, devido à grande quantidade de excitação interna voltada para o interior do aparelho psíquico com a vivência da castração. Perceber e aceitar que o objeto de amor se relaciona com outros além dele já é atravessar o complexo de Édipo, já é elaborar a perda do objeto.

Entretanto, um psicótico, na teorização de Cintra e Figueiredo (2004), é justamente aquele que não suporta perdas e separações sem se utilizar de defesas radicais apontando para um ego fraco incapaz de lidar com as pulsões destrutivas. Segundo os autores, é importante tomar nota de que para um sujeito não se organizar como psicótico é necessário realizar a passagem pelo complexo de Édipo, no qual terá que consentir que tais objetos de amor têm autonomia e se relacionam com outros além dele.

Nas experiências de luto “normal”, Lacan (1958-1959/2016) diz que existe um mergulho na dor através da relação com o objeto desaparecido, havendo uma identificação, por incorporação, desse objeto. O luto é por ele visto como a vivência de uma perda que se assemelha à *Verwerfung* que ocorre na psicose, só que enquanto na psicose o buraco deixado é no simbólico, no luto o buraco é no real. O autor levanta no seu seminário que em ambos, luto e psicose, há uma tentativa de tamponar um buraco deixado em aberto, apesar desses buracos terem localizações em registros diferentes.

No luto “normal”, pode haver uma simbolização da perda e uma articulação com outras representações mentais. Já no luto patológico, que talvez seja um aspecto influente na constituição da psicose, existe uma incapacidade de simbolização. Tendo em vista que, na psicose, há uma ausência de elaboração psíquica da falta percebida no Outro, seria possível afirmar que é inerente à constituição da psicose haver um luto patológico?

Nasio (2007a) lembra que, para Freud, a perda do objeto de amor é o que mergulha o eu no desespero, e completa afirmando: “também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última crispção do eu desesperado, que se contrai para não naufragar no nada” (p13). Após a compreensão que tivemos com Queiroz (2012), e utilizando-se de suas ideias agora para compreender o que acabou de ser dito por Nasio, entendemos que: a perda implica uma dor no limite do desprazer ligada à pulsão de vida, e esta é o último limite antes de se entrar em uma dor ligada à pulsão de morte, no campo do gozo, algo mais característico de uma estrutura psicótica.

Formula-se aqui, nesse contexto, que enquanto existir uma dor ligada à pulsão de vida é sinal de que está havendo investimento em uma representação interna, e que todo esse investimento está direcionado para uma representação interna de uma perda vivida na realidade. Chama-se novamente a atenção para o fato de que esse tipo de dor não é característico da organização psicótica, mas sim neurótica.

Percebe-se que, por mais dolorosa que seja a passagem edípica, devido à separação do objeto de amor, na neurose, como vimos, ocorre a simbolização da falta, sendo possível uma metaforização. Já na estrutura psicótica, por mais que, do mesmo modo haja a vivência da percepção da castração, há uma incapacidade de elaboração psíquica, ocasionando um luto patológico.

Tomamos conhecimento de que o superinvestimento de uma imagem interna amada, decorrente da perda, pode ser em um grau tão superior de desprazer, que a imagem é ejetada para fora do eu. A dor aí é tão insuportável que pode levar à negação da ausência, pelo mecanismo que apresentamos anteriormente como foraclusão (Nasio, 2007a).

Vimos que o mecanismo de foraclusão, diante de um acontecimento intolerável, tem a finalidade de proteger o eu de uma realidade que ameaça, realidade essa que pode ser caracterizada como uma dor traumática. Daí a reação de uma rejeição absoluta. Esse mecanismo, próprio da psicose, impede de poder representar o tal acontecimento traumático no psiquismo (Nasio, 2011).

É importante termos em mente que, na psicose a representação do Outro como completo é investida devido a vivência da castração, porém é logo ejetada para fora do aparelho psíquico. Será fora do aparelho psíquico que essa representação interna será investida. Vimos que é pelo fato de o psicótico não ter recursos para suportar uma dor ligada a um desprazer interno, que haverá uma dor ligada ao gozo.

Falamos que uma dor que está no limite do desprazer tem chances de ser elaborada, é uma dor pensada como sendo da neurose. Já quando é uma que vai além do limite citado, é uma dor inominável, uma que não tem possibilidade de elaboração, mais própria da psicose, embora não se limitando a essa estrutura. De outro modo, seria o mesmo que dizer que: diante da perda vivida pela castração, uma organização psicótica não suporta a dor ligada ao desprazer, e por isso, localiza-se no gozo. Sendo esse o caso, justificaria nos momentos de surto da psicose, ocasionado por um deparar-se com a falta do significante da lei, haver um investimento libidinal compulsivo nas representações intoleráveis expulsas de si, que podemos até afirmar, a partir de tudo que foi dito, que essa seria uma forma manifesta de dor na psicose.

No complexo de Édipo, enquanto os mecanismos de defesa na neurose levam a uma substituição da satisfação plena pulsional (gozo total) por uma representação no sintoma, levando a uma satisfação parcial (gozo parcial), o mecanismo de defesa na psicose substitui uma falta insuportável pela imagem da cena de gozo.

Tomando o postulado da teoria freudiana de que a libido é dirigida para o próprio ego na psicose, torna-se necessário esclarecer que apesar da libido na psicose ser investida na representação expulsa do ego, ela continua sendo parte do próprio ego, só que no externo. A exemplo disso, basta lembrar dos relatos clínicos de psicóticos, nos quais é comum se escutar sobre uma confusão que há entre eles e o meio externo.

Existe uma diferença clara entre se falar do “ego e o objeto externo” e se falar do “ego e uma parte do próprio ego no externo”. É nesse detalhe da forma de falar que se pode continuar a dizer que todo investimento libidinal na psicose é para o próprio ego, entendendo com isso, que este ego pode, independentemente, estar no interno ou no externo, dentro do aparelho psíquico ou fora dele.

Em síntese, o amor e a dor são afetos inerentes à condição humana no que diz respeito ao seu processo de subjetivação. Observamos que no processo de organização psíquica, a cada perda de um objeto amado da realidade externa, aumenta-se o investimento interno referente ao respectivo objeto externo perdido. Em algumas situações, um investimento interno desse, como no momento da castração no complexo de Édipo, pode ser tão intenso que o afeto de dor ligado ao desprazer surge como resposta. Caso esse tipo de dor seja elevado a um nível insuportável, a representação interna que faz parte do eu é expulsa para fora do psiquismo, sentida como vinda de fora. O mecanismo de excluir uma parte do eu para fora do aparelho psíquico será uma dor a nível do gozo, uma dor que vimos ser a que é mais

predominante na psicose, uma maneira de tamponar a vivência de uma ausência percebida na realidade externa.

A análise do lugar do amor e da dor na constituição da psicose trouxe uma relevante contribuição metapsicológica para essa organização psíquica, podendo um dia ser útil para novas pesquisas que visem uma renovação clínica. Esse estudo funcionou aqui como uma resposta ao meu desejo de dar, pelo menos um leve e humilde passo, na direção do longo e tortuoso caminho de uma ampliação da prática clínica.

Considerações Finais

Neste estudo, foi observado que o amor e a dor estão presentes desde o nascimento, que eles fazem parte da constituição do sujeito, ao viver as diversas perdas dos objetos que ama na vida. Como maneira de lidar com essas situações de desamparo, encontrou-se que o amor na psicose tem como destino o próprio ego.

Em uma organização psicótica, o amor ocorre se fixando em uma posição, predominantemente, passiva de ser amado, abdicando de ser um sujeito de desejo por ter que reconhecer a falta no Outro. Nessa situação, uma criança estruturada na psicose acaba se fixando como objeto da satisfação do Outro. No presente trabalho, vimos que o psicótico nega de forma radical a falta no Outro, nega que o Outro é castrado.

Também vimos que a busca do estado de ser amado funciona como uma defesa contra a dor produzida pela percepção da perda. Esse estado é significativamente sentido no complexo de Édipo, momento dramático da organização psíquica, e no qual pode ocorrer a mudança da predominância da posição de ser amado para a de amar. Na organização psicótica, além de darmos relevo a que não há essa predominância na mudança de posição, ainda enfatizamos a sua fixação em não mudar.

É relevante dizer que, na concepção de Dolto (1983), uma dor pode ser sadia quando é reconhecida com palavras, podendo haver uma abertura que estruture defesas compensatórias. Há também que considerar a possibilidade de o objeto externo ser bastante presente, não abrindo aí espaço para a sensação de ausência que a criança precisa ter em relação a sua mãe, no desenrolar da constituição. Nesse caso, teria que ser pensada a possibilidade de a criança conseguir, de fato, ocupar o lugar do objeto que falta à mãe, garantindo desta um investimento libidinal constante sobre aquela.

Os resultados desse estudo trouxeram uma ampliação para o meu olhar clínico sobre a metapsicologia das psicoses, ao tomar conhecimento das sutilezas da constituição da psicose referentes ao amor e à dor. Podem-se destacar vários aspectos importantes, dentre eles: 1) saber que na psicose há a confrontação com a castração no Outro, não existindo, entretanto, uma ressignificação desse acontecimento (elaboração psíquica); 2) saber que na psicose o luto constitutivo é patológico, ao não elaborar a perda do objeto fálico no Outro, sempre rejeitando a sua ausência; 3) que na psicose existe a falta do significante da lei que limita o significante de gozo; 4) que o modo de satisfação na psicose é direta e ilimitada, como objeto de Gozo do Outro.

Esse estudo permitiu ainda tomarmos conhecimento, a partir das contribuições de Queiroz (2012), da possibilidade de existência de duas faces para a dor. Uma é a dor que pensamos ser mais própria da neurose, que apesar de um desprazer interno intenso, ainda assim é tolerável. Já a outra face da dor pensamos ser mais característica da psicose, uma dor que se encontra no território do gozo. Ao entendermos o estudo da dor na neurose e na psicose, deixamos em aberto uma questão para futuras pesquisas: como será a dor na estrutura perversa?

Outra contribuição desse estudo foi delimitar, em um único texto, o que se encontra disperso na obra de Freud e Lacan sobre a metapsicologia do amor e da dor, entendendo que outras formulações restam ainda por serem exploradas. Além disso, alertamos o leitor da psicanálise sobre as formas de se entender o amor: como um movimento libidinal dirigido tanto para um objeto externo quanto para sua representação interna desse mesmo objeto. Pois, não é raro, na leitura do texto freudiano, não ficar claro se o autor está se referindo a um movimento libidinal externo ou interno, quando fala do amor. São poucas as vezes que o

autor faz essa diferença tão marcante. Espero que esse trabalho tenha contribuído para deixar mais transparente a noção de amor na obra freudiana.

Não se pode deixar de marcar, ainda, um aspecto teórico e clínico de bastante valor, que sempre está nas entrelinhas da teoria psicanalítica: a possibilidade de haver, na estrutura neurótica, manifestações sintomáticas que podem levar a pensar, equivocadamente, num caso de organização psicótica. Sobre isso, encontramos sob o termo de *foraclusão parcial* tudo aquilo que não foi tão bem articulado do complexo de castração na passagem pelo Édipo, e que está presente na neurose.

Esse dado pode ajudar à clínica contemporânea, pois uma das principais queixas citadas por colegas é a dificuldade de distinguir uma neurose de uma psicose para uma melhor condução do tratamento. Diminuir essas eventuais dificuldades ajuda o analista a se posicionar de maneira mais apropriada, já que a intervenção clínica frente a um caso de neurose é bem diferente daquela diante de uma psicose. Pode-se agora até pensar, com mais clareza, não só nas estabilidades que uma organização psicótica pode ter, mas também nos fenômenos psicóticos em uma organização neurótica.

É importante ser dito que aqui não se procurou esgotar o assunto em questão, o que seria impossível. Pois esse sinalizamos como um campo de estudo que permite muitos outros desdobramentos e indagações.

Cada leitura realizada buscando detalhar os conceitos propostos por Freud e Lacan, são únicos. Até porque as falhas são inerentes ao ser humano, que o faz deixar passar despercebido muitos aspectos importantes de um tema complexo como esse. Algo que certamente ocorre nessa dissertação, entretanto, isso não é visto como algo problemático, mas como um assunto que não cessa de abrir para a produção de novos estudos e novas leituras.

Consideramos que esse estudo trouxe contribuições, ampliando o olhar clínico, ao dar realce às sutilezas da constituição da psicose. Ele deu mais nitidez ao estudo metapsicológico sobre a psicose, no que se refere à sua constituição a partir dos fenômenos do amor e da dor. Além disso, ainda acabou por levar, de maneira indireta, a uma melhor compreensão do funcionamento “normal” da vida psíquica, ao ser exigido, o entendimento do processo de constituição de um sujeito.

Espera-se desta pesquisa que outras venham a se produzir. Que esta seja vista como um estímulo na busca de uma ampliação clínica, visando melhorar ainda mais o entendimento da psicose. São nesses pequenos passos que se pode levar o ensino de Freud e Lacan adiante, e concretizar o que este último ensinava: não recuar diante da psicose. Um desejo continua, o de que mais clínicos não recusem e atendam esses pacientes com tal estrutura, para propiciar um apaziguamento do sofrimento e abrir a possibilidade para aqueles que sofrem com essa organização psíquica viverem de maneira menos destrutiva em sua passagem pelo mundo.

Por fim, termino este trabalho, resultado de um longo e difícil processo de minha elaboração psíquica, que em anos ficou incomodando, o de entender como alguém revela uma psicose pela perda de um objeto de amor. Assim, espero também com esta pesquisa ter contribuído para um maior entendimento e percepção do nosso mundo interior, do que nos leva adiante e a procurar as respostas para as grandes questões existenciais.

Referências

- Allouch, J. (2010). Rumo a um amor extático. In Allouch, J. *O amor Lacan*. (pp. 83-97). Companhia de Freud.
- Brabant, G. P. (1973). *Chaves da psicanálise*. Zahar Editores.
- Bressanelli, J. (2007). *A erotomania como resposta psicótica aos impasses do amor*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG]. Repositório da UFMG. <https://tinyurl.com/sy7mqoz>
- Brodsky, G. (2011). *Loucuras discretas: Um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias*. Scriptum.
- Cintra, E. M. U.; Figueiredo, L. C. (2004). *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. Escuta.
- Cintra, E. M. U.; Figueiredo, L. C. (2013). *Melanie Klein*. Publifolha.
- Dolto, F. (1983). Prefácio. In Mannoni, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. (3ª ed.). Campos.
- Dor, J. (1994). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Tauros Editores.
- Dor, J. (2003). *Introdução à leitura de Lacan: O inconsciente estruturado com linguagem*. Artmed.
- Ferrari, I. F. (2009). Acerca do amor e algumas de suas particularidades na psicose. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(3), 87-96. <https://tinyurl.com/u8b6wta>
- Freud, S. (1970). Cinco lições de psicanálise. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Imago. (Originalmente publicado em 1909-1910).
- Freud, S. (1970). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: Contribuições à psicologia do amor I. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI*. Imago. (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1972). A interpretação de sonhos. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. V*. Imago. (Originalmente publicado em 1900-1901).

- Freud, S. (1974). Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. II*. Imago. (Originalmente publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Imago. (Originalmente publicado em 1915-1917).
- Freud, S. (1974). Os instintos e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Imago. (Originalmente publicado em 1915a).
- Freud, S. (1974). O Inconsciente. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Imago. (Originalmente publicado em 1915b).
- Freud, S. (1974). Sobre a transitoriedade. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Imago. (Originalmente publicado em 1915-1916).
- Freud, S. (1974). Sobre o narcisismo: uma introdução. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIV*. Imago. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1976). A perda da realidade na neurose e na psicose. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX*. Imago. (Originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (1976). A psicopatologia da vida cotidiana. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VI*. Imago. (Originalmente publicado em 1901).
- Freud, S. (1976). Além do princípio de prazer. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XVIII*. Imago. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedade. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX*. Imago. (Originalmente publicado em 1925-1926).
- Freud, S. (1976). Neurose e psicose. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX*. Imago. (Originalmente publicado em 1923-1924).

- Freud, S. (1977). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. I*. Imago. (Originalmente publicado em 1892-1899/1950).
- Freud, S. (1977). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. X*. Imago. (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1977). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VIII*. Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1977). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Ed.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. I*. Imago. (Originalmente publicado em 1895/1950).
- Garcia-Roza, L. A. (1997). *Freud e o inconsciente*. (14ª ed.). Jorge Zahar.
- Jerusalinsky, A. (2010). Campos e fundamentos da pesquisa psicanalítica. *Revista Associação Psicanalítica de Curitiba*, 1, 15–30.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988). *O seminário: As psicoses* (Vol. 3). (2ª ed.). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1955-1956).
- Lacan, J. (1995). *O seminário: A relação de objeto* (Vol. 4). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1956-1957).
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O seminário: As formações do inconsciente* (Vol. 5). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1957-1958).
- Lacan, J. (2008). *O seminário: Mais, ainda* (Vol. 20). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1972-1973).

- Lacan, J. (2008). *O seminário: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Vol. 11). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1964).
- Lacan, J. (2009). *O seminário: Os escritos técnicos de Freud* (Vol. 1). (2ª ed.). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1953-1954).
- Lacan, J. (2016). *O seminário: O desejo e sua interpretação* (Vol. 6). Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1958-1959).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (2000). *Vocabulário da psicanálise*. (3ª ed.). Martins Fontes.
- Laurent, E. (2014). *A batalha do autismo: Da clínica à política*. Jorge Zahar.
- Mannoni, M. (1983). *A primeira entrevista em psicanálise*. (3ª ed.). Campos.
- Meira, Y. M. (2004). *As estruturas clínicas e a criança*. Casa do Psicólogo.
- Melman, C. (1991). *Estruturas lacanianas das psicoses*. Artes Médicas.
- Miller, J.-A. (2017). Crianças violentas. *Revista Opção Lacaniana*, 77, 23–31.
- Muñoz, N. M. (2010). Do amor à amizade na psicose: Contribuições da psicanálise ao campo da saúde mental. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*, 13 (1), 87–101. <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v13n1/06.pdf>.
- Nasio, J.-D. (1993). *5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Jorge Zahar editor.
- Nasio, J.-D. (2007a). *A dor de amar*. Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (2007b). *Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa*. Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (2008). *A dor física: Uma teoria psicanalítica da dor corporal*. Jorge Zahar.
- Nasio, J.-D. (2011). *Os olhos de Laura: Somos todos loucos em algum recanto de nossas vidas*. Jorge Zahar.
- Nuttin, J. (1958). *Psicanálise e personalidade*. (2º ed.). Agir.

- Queiroz, E. F. (2012). Dor e gozo: De Freud a Lacan. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 851-866. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400008>
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social*. Jorge Zahar.
- Quinet, A. (2007). *As 4 + 1 condições da análise*. Jorge Zahar.
- Rodrigues, L. (2001). *A forclusão: Como manejar a cura na psicose?* In L. Rodrigues, *Clínica psicanalítica: Efeitos de uma prática*. Odisseu.
- Roth, P. (2005). O Superego. In C. M. Rosa (Ed.), *Conceitos da psicanálise, vol 5*. Relume Dumará e Segmento-Duetto.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Siqueira, E. R. A. (2015). O amor entre o gozo e o desejo. In: C. Mendonça & I. A. L. Filho (Eds.), *Angustia: Afeto que não engana*. (pp. 88–171). Editores.
- Souza, N. S. (1991). *A psicose: Um estudo lacaniano*. Campus.
- Tyszler, J.-J. (2005a). A propósito das psicoses passionais. In L. Sciara & M. Czermak (Eds.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria – volume 2: As paranoias*. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica.
- Tyszler, J.-J. (2005b). A propósito do passional nas psicoses. In L. Sciara & M. Czermak (Eds.), *A clínica da psicose: Lacan e a psiquiatria – volume 2: As paranoias*. Tempo Freudiano Associação Psicanalítica.
- Zolty, L. (2001). Observações psicanalíticas sobre as psicoses. In: J.-D. Nasio (Ed.), *Os grandes casos de psicoses*. (pp. 33–39). Jorge Zahar.